

CLODOALDO VICENTE DA SILVA

A LEVEZA DOS AFORISMOS DE *I PENSIERI DI BELLAVISTA*

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, para a obtenção do título de Mestre em Literatura (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientadora: Cátia Inês Negrão Berlini de Andrade

ASSIS
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

S586L Silva, Clodoaldo Vicente da
A leveza dos aforismos de *I pensieri di Bellavista* /
Clodoaldo Vicente da Silva. Assis, 2018.
82 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Cátia Inês Negrão Berlini de Andrade

1. De Crescenzo, Luciano - 1928. 2. Epicuro. 3. Literatura -
Filosofia. I. Título.

CDD 870.9

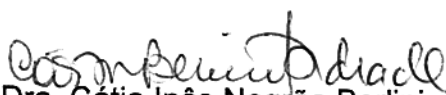
CLODOALDO VICENTE DA SILVA

A LEVEZA DOS AFORISMOS DE 'I PENSIERI DI BELLAVISTA'

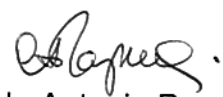
Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em LETRAS (Área de Conhecimento: LITERATURA E VISA SOCIAL)

Data da Aprovação: 31/01/2018

COMISSÃO EXAMINADORA


Presidente: Profa. Dra. Cátia Inês Negrão Berlini de Andrade - UNESP/ASSIS


Membros: Profa. Dra. Maria Celeste Tommasello Ramos - UNESP/SÃO JOSÉ DO RIO PRETO


Profa. Dra. Cleide Antonia Rapucci - UNESP/ASSIS

Dedico este trabalho ao meu papai, Zé barba, meu guerreiro nagô. Cujos frutos das mãos calejadas cuidaram do meu conforto e sustento. Queria que estivesse aqui, partiste cedo. Dedico-o também à minha Mamãe, Leonor, que tão jovem encerrou aqui sua caminhada, antes que lhe caíssem as folhas do trigésimo outono. Seu manto materno me acalenta sempre.

Por fim, dedico este trabalho à minha tia Bárbara, minha segunda mãe, a mulher mais forte que já conheci, que amo e que honro.

Agradecimentos

Inicialmente agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio e financiamento à minha pesquisa.

Agradeço de todo o coração à minha amiga e orientadora, Cátia Inês Negrão Berlini de Andrade, pela confiança e pela orientação competente e carinhosa. Gratidão, Professora, por toda ajuda pessoal e acadêmica que você me proporciona desde os tempos de graduação.

Agradeço à UNESP Assis, que representa para mim um elemento divisor de águas em minha vida.

Agradeço à seção de pós graduação, por todo apoio e respeito. Agradecimentos especiais à Monique, pelo profissionalismo, dedicação, carinho e compreensão com que conduz seu trabalho.

Gostaria também de agradecer à professora Cleide e à professora Maira, pelas indicações e sugestões no meu processo de qualificação, assim como agradeço à professora Maria Celeste pelas sugestões no processo de defesa desta dissertação.

Meus sinceros agradecimentos aos professores que ministraram as disciplinas que cursei neste processo de mestrado. Gratidão professor Gilberto, professor Álvaro e professor Esteves. Gratidão novamente à Catia, Professora. Gratidão professora Cleide. Agradeço com muito carinho, respeito e admiração à professora Sandra, “parceira de amor às palavras”, tradução da sensibilidade e da elegância.

Agradeço à minha companheira Niara, guerreira da luz, por todo amor, carinho, cumplicidade e amparo nesta etapa da minha caminhada. Amo você, mulher de propósitos.

Agradeço, com o coração transbordando de amor ao meu filhoteiro das galáxias, Djomo Mateus, pedacinho de ternura encarnado que me ilumina e me ancora nas coisas mais sagradas da vida.

Gratidão às minhas irmãs, Sebolitos, San e Tininha. Gratidão Silvim e Silvinha. Gratidão tia Lourdes. Gratidão tio Nelo. Gratidão Sérgio, gratidão tio Tonico, gratidão minha família, seres de amor, de força e de luz.

Gratidão aos amigos da minha infância, que fizeram parte da minha tenra formação como ser humano. Gratidão João da Dona Alzira, gratidão Dinei, o “Do testa”, gratidão Ricardo, o “Do Zuca”, gratidão Gordim, gratidão Cri, o “Véio”, gratidão Roni. Gratidão “Ferrugi”. Agradeço especialmente ao amigo, brother e parceiro de

infância que até hoje faz parte sagradamente da minha vida, Ed, gratidão pela sua amizade, te amo, “nego veio”. Gratidão Luciano, “Demôni”, amigo que entrou em minha vida já na adolescência e perdura até hoje também.

Gratidão aos amigos da época do seminário, seminário diocesano Nossa Senhora do Patrocínio, na diocese de Franca. Agradeço aos ensinamentos sagrados que recebi nesta fase da minha vida e à oportunidade de descobrir o valor do conhecimento. Gratidão padre Franco, padre Fábio, padre Marcão. Agradeço especialmente ao amigo padre Ricardo, cuja luz e sabedoria até hoje me orientam.

Agradeço aos amigos da juventude, lá da cidade de Jardinópolis, os amigos “boca amarela”. Gratidão meu irmão João, artista, guerreiro, ser de pura lindeza. Gratidão Ivo, primeiro amigo feito em Jardinópolis. Gratidão Nino, determinação e lindeza, parceiro eterno. Gratidão Willian, espírito forte e feliz. Gratidão Jhoni Méquintóchi, parceiro de graduação que me inspirou nos estudos. Gratidão Bambam, gratidão pela sua sagrada presença na minha vida. Gratidão Marião. Gratidão Black, “gozadô”, maior guitarrista com quem já tive o prazer de tocar, o rei de mandar o Lima nos sons. Gratidão Isaias, parceiro de longa caminhada e que me dá um trabalho danado em sua doce teimosia. Gratidão Tigelinha, artista zica dos paranauê, irmão verdadeiro e forte. Gratidão Maico, Cabecinha, amigo fiel e carinhoso. Gratidão Posseirinho, “canaaaalha”. Gratidão mestre Elias Jabur, a tua falta dói latejada. Gratidão meu “eeeeex” amigo René D’Aflito, artista da pesada, que muito me ensinou de música, cinema e literatura. Gratidão Josimar, você sumiu, mas te perdoo. Gratidão Milene, amiga de caminhada longa também, parceira de força e beleza. Gratidão “minha amiga Fê”, te levo sempre no coração. Gratidão Renata, Nádia, Fernanda e Regina, amigas de uma época doce, onde o tempo presente bastava. Gratidão Lori. Gratidão Gustim, irmão do coração forte e bondoso. Gratidão Arthur, exemplo de força e serenidade. Gratidão Cida, companheira do meu pai, lhe sou muito grato, contadora exímia de histórias. Gratidão Fernandinho, “deeeitaí”, amigo presente, dono do sorriso mais largo e absoluto. Gratidão Dani, o “Acidente”, irmão de determinação e força esta aí.

Gratidão aos amigos que chegaram depois, já na faculdade. Gratidão Rafito, parceiro amado desde outras vidas. Gratidão Daniel, irmão de caráter imaculado, ser de luz. Gratidão Xis, o amigo mais debochado. Gratidão Rodrigo e Larissa, casal de beleza e amor. Gratidão Luisa. Gratidão Maurão, grande parceiro que me ensinou o valor do silêncio. Gratidão Lica, irmã amada, alquimista, cuja lindeza está encalacrada em minha alma, te amo, nega. Gratidão Bietra, gratidão pelos longos anos de caminhada em

parceria. Gratidão Liquito, irmãozão desde e para sempre. Gratidão Felipinho, irmão lindo e dedicado. Gratidão Artussinho, querido, baixista da pesadíssima e que muito me ajudou nos primeiros passos para ingressar no mestrado. Gratidão Gesù, irmão amado, parceiro de caminhada longa e intensa. Gratidão Guito, o ariano “brabo”. Gratidão Vini, outro ariano “brabo”. Gratidão Gui Lucato, aéreo como eu. Gratidão Gabizinha, irmã discreta, de força silenciosa. Gratidão Saritaaaaa, irmã amada, parceira zica, exemplo de força e leveza, te amo. Gratidão Bárbara, “Párpara”, amiga querida, amiga presente, tradução da determinação, te levo no coração. Gratidão Tássia, poço de fofurice. Gratidão Luís do ex-tensão, boa parte do aprendizado dos Unespianos medraram no espaço que você construiu com dona Lúcia e seus filhos. Gratidão Adriano, Juazeiro, irmão arretado, de parceria lacrada para a eternidade. Gratidão irmão Taca, pelos ensinamentos que não constam nos livros e pela amizade forte e verdadeira. Gratidão Ju Garcia, força e doçura. Gratidão Tuquis, irmão contador de histórias ... ou estórias. Gratidão Mateusão, lembra da dancinha na P.G? Gratidão Lari, a aquariana mais aquariana que já conheci. Gratidão Japêzole e Alinêzole, dois fofos. Gratidão Gigica, irmã verdadeira e forte. Gratidão Leandrão, Valadão, irmãozão cujo mau humor diário não ofusca a beleza e a verdade, parceria mais que firmada. Gratidão Andressa, irmã de grande presença e parceria em minha vida.

Gratidão ao irmão Dineizão, pelo primeiro abraço que minha alma recebeu ao chegar em Assis, hoje, irmão Iandé, Okê Caboclo! Gratidão Santa Luz, egrégora sagrada que orienta minha caminhada. Gratidão Madrecita Ayahuasca. Gratidão sagradas medicinas da floresta. Gratidão ao machado de Xangô. Gratidão Caboclo Gira Mundo. Gratidão Caboclo Flecheiro. Gratidão à consciência indígena. Gratidão ao espírito da onça pintada. Gratidão ao espírito da águia. Gratidão ao espírito da aranha. Gratidão ao espírito do louva Deus. Gratidão ao espírito do Cavalo. Gratidão ao espírito do gavião. Gratidão ao espírito do pterodátilo. Gratidão ao grande espírito materno. Gratidão Nayan. Gratidão Cabana da floresta da borboleta azul, egrégora sagrada de força e evolução. Gratidão irmão Karum.

Gratidão à vida!

DA SILVA, Clodoaldo Vicente. **A LEVEZA DOS AFORISMOS DE *I PENSIERI DI BELLAVISTA***. 2018. 82 f. Dissertação (Mestrado em Literatura). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.

Resumo

I pensieri di Bellavista é uma obra de Luciano De Crescenzo, autor contemporâneo italiano, composta de 365 aforismos. Estes aforismos são dotados de magnífica leveza e profundidade. Para atingir esse efeito de leveza, De Crescenzo se vale do conhecimento acumulado em sua carreira como romancista, filósofo, humorista, cineasta e cidadão napolitano. Além disso, recorre à ironia, figura de linguagem que, por mais de uma via, incorporou-se à cultura napolitana. Recursos como a sátira e o humor também apoiam as breves narrativas na voz do professor Don Gennaro Bellavista. Não apenas recursos linguísticos amparam De Crescenzo na construção da egrégora de leveza que envolve esta obra, o autor também se vale da filosofia Epicurista, dos valores do taoísmo clássico e da própria cultura do povo napolitano nesta construção. O presente estudo verifica como são construídos os aforismos, em sua maioria, na estruturação linguística e semântica, para investigar como é criado o efeito de leveza em cada um deles.

Palavras-chave: DE CRESCENZO; Leveza, Amor; Ironia; Sátira; Humor; Filosofia; Epicurismo; Taoísmo.

DA SILVA, Clodoaldo Vicente. **THE LIGHTNESS IN THE APHORISMS OF *I PENSIERI DI BELL AVISTA***. 2018. 82 f. Thesis (MA Literature). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.

Abstract

I pensieri di Bellavista is a work of Luciano De Crescenzo, contemporary Italian author, composed of 365 aphorisms. These aphorisms are endowed with magnificent lightness and profundity. In order to reach such lightness effect, De Crescenzo summons his knowledge, accumulated through his novelist, philosopher, humorist and film maker careers, as well through his Neapolitan citizenship. Besides that, he resorts to irony, figure of speech which, through various ways, had integrated itself to the Neapolitan culture. Means such as satire and humor also supports the brief narratives in the speech of professor Don Gennaro Bellavista. Not only linguistic means are summoned to ground De Crescenzo in the building of the lightness mood that involves this work, the author also evokes the Epicurean philosophy, the classic Taoist values and the Neapolitan culture itself to the same purpose. The present research verifies how the aphorisms are constructed, mostly, in the linguistic and semantic structuration, to investigate how the lightness effect in each of them is created.

Keywords: DE CRESCENZO; Love; Irony; Satire; Humor; Philosophy; Epicureanism; Taoism.

Sumário

Introdução	10	
 Capítulo I		
De Crescenzo e Bellavista	17	
 O tempo		19
O engenheiro.		20
Família.....		22
Origens.....		26
Don Genaro Bellavista.....		28
 Capítulo II		
A leveza que vem da Sátira, da Ironia e do Humor.		40
 Sátira		42
Da sátira para a ironia.....		48
Humor.....		51
 Capítulo III:		
A filosofia.		55
 Epicurismo, taoísmo e “<i>carpe diem</i>”.		55
Filosofia do povo napolitano.		66
 Considerações Finais		73
 Referências Bibliográficas.....		77
 Anexo.....		79

Introdução

Em 2005 o escritor italiano Luciano De Crescenzo publicou *I pensieri di Bellavista*, uma obra composta de 365 aforismos, narrados na voz do professor Don Gennaro Bellavista. Esta obra, objeto desta pesquisa, sintetiza, segundo o próprio autor, suas vivências e aprendizagens no decorrer de sua vida e como fruto destas vivências rebenta um objeto raro, capaz de, em detalhes sutis, conduzir o leitor a uma revisão de valores e postura. Vale destacar que nem todos os aforismos são de autoria de De Crescenzo, principalmente dentre os aforismos constantes da segunda parte da obra, a qual é escrita em latim. Segundo o autor ele opta por escrever parte da obra em latim por ser um apaixonado por esta língua. A segunda parte do livro se inicia no aforismo de número 271 e, embora escritos em latim, os aforismos são traduzidos para o italiano na sequência, pelo próprio autor.

Os textos do gênero do aforismo, provérbios e máximas, por se tratarem de uma narrativa brevíssima, comumente são densos e conseqüentemente não possuem compromisso com a sutileza ou com a delicadeza no conteúdo da mensagem que carregam, chegando mesmo a serem deselegantes para com aquele que é exortado. No caso dos aforismos do Professor Bellavista existe uma dedicação na construção dos enunciados que comungam com a elegância e culminam em uma exortação leve e prazerosa. Para atingir tal efeito o narrador se vale, além, é claro, do requinte de seus dons artísticos, da sátira e da ironia que frequentemente dialogam com o cômico e com elementos filosóficos, os quais algumas vezes atuam junto a conceitos de espiritualidade oriental.

Apenas para efeito didático, vale constatar que aforismo, máxima e provérbio pouco diferem entre si. O aforismo e o provérbio seriam um único gênero equivalente. Em uma conferência num congresso sobre Oscar Wilde na universidade de Bolonha, em 09 de novembro de 2000, Umberto Eco, ao discursar a respeito de aforismo e paradoxo, afirma “[...] e são aforismos também os provérbios [...]” (ECO, 2003, p.66). Já entre o aforismo e a máxima cabe uma reflexão um pouco mais apurada, embora as possíveis diferenças ainda sejam tênues, o aforismo tende a uma maior sutileza e sagacidade em relação à máxima. Umberto Eco, na mesma conferência, faz a seguinte ponderação: “Alex Falzon, ao editar os *aforismos* de Wilde (Milão: Mondadori, 1986), define aforismo como uma máxima em que não conta apenas a brevidade da forma, mas a

argúcia do conteúdo.” (ECO, 2003, P.64) No entanto, tecnicamente o aforismo pode ser diferenciado de uma máxima apenas pela sua brevidade.

Para além de deslindar a característica de delicadeza própria dos aforismos de Bellavista, bem como sua precisão em lançar ao leitor suas advertências, a análise literária aqui proposta busca, não a comparação do narrador de *I pensieri di Bellavista* a outros, nem tampouco sua contextualização dentro de determinada estética literária, mas antes apresentar os pontos que fazem dele único e merecedor de destaque e relevância dentro da literatura universal, análise esta que se faz em conformidade com aquela proposta em *Teoria da literatura e métodos de estudos literários*, de WELLEK, R.; WARREN, A. (2003), conforme se pode verificar a seguir:

Por que estudamos Shakespeare? Está claro que não estamos primordialmente interessados no que ele tem em comum com todos os homens pois, então, poderíamos estudar também qualquer outro homem, tampouco estamos interessados no que ele tem em comum com todos os ingleses, todos os homens do renascimento, todos os isabelinos, todos os poetas, todos os dramaturgos, ou mesmo todos os dramaturgos isabelinos porque, nesse caso, poderíamos também estudar Dekker ou Heywood. Queremos, antes, descobrir o que é peculiarmente de Shakespeare.(WELLEK, R.; WARREN, A. 2003, p.7)

Do mesmo modo que no exposto acima, interessa-nos estudar Luciano De Crescenzo (1928), escritor italiano nascido em Nápoles, Itália, para descobrirmos as peculiaridades e magias de sua escrita, através de um olhar relativamente filosófico. Digo relativamente porque este estudo não pretende estritamente uma análise técnica sobre a filosofia presente na obra, a qual transcende também para uma filosofia mais tátil ao quotidiano, mais próxima do popular e arquitetada sobre singularidades da substância existencial.

O elemento filosofia é acrescido na obra de unidades humorísticas e satíricas/irônicas, atribuindo uma quantidade considerável de leveza e prazer ao objeto literário e, desta maneira, tratando de temas sérios e delicados da nossa organização social e estrutura humana sem rigidez. Paradoxalmente, é bastante comum o leitor ser exposto ao ridículo, ter seus valores colocados em xeque e, ao findar a leitura de um dos pensamentos de Bellavista, embora desconcertado, estar rindo dos absurdos sobre os quais se tem estruturado.

A filosofia que edifica os pensamentos do Professor dialoga com o raciocínio “*carpe diem*”. Tal conceito surge como frase em um dos poemas de Horácio, poeta

romano nascido em 65 a.C, e cujo significado básico é “aproveite o dia”. Vejamos o poema que medrou o pensamento “*carpe diem*”.

Odes (I,11.8)

Tu não indagues (é ímpio saber) qual o fim que a mim e a ti os deuses tenham dado, Leuconoé, nem recorras aos números babilônicos. Tão melhor é suportar o que será! Quer Júpiter te haja concedido muitos invernos, quer seja o último o que agora debilita o mar Tirreno nas rochas contrapostas, que sejas sábia, coes os vinhos e, no espaço breve, cortes a longa esperança. Enquanto estamos falando, terá fugido o tempo invejoso; colhe o dia, quanto menos confia no de amanhã. (ACHCAR, 1994, p.88)¹

O conceito “*carpe diem*” passa a ser difundido no momento em que o império romano apresentava-se decadente e conseqüentemente a população, vendo desmoronar a estrutura do poder romano, vivia um clima de incertezas quanto ao futuro. Embora a noção “*carpe diem*” tenha se fecundado em um contexto de desespero, hoje ela é assimilada como algo bom, que incentiva a não desperdiçar tempo com coisas que não sejam verdadeiramente importantes ou que não conduzam a um estado de elevação e felicidade, convidando para a intensidade e oportunidades do momento presente, sem medo e sem demasiada importância atribuída ao futuro. Como a ideia de coisas importantes pode ser bastante relativa e subjetiva, o professor Bellavista discorre sobre o que seria de fato importante ao ser humano, (principalmente na obra *Così parlò Bellavista*, romance em que nasce o personagem) recorrendo a uma discussão sobre amor e liberdade, onde ele relaciona os elementos de importância, dentre outros componentes, à filosofia de Epicuro e à filosofia, e mais tarde espiritualidade, taoista.

No entanto, como dito anteriormente, os pensamentos filosóficos apresentados na obra vão além de uma filosofia estrita e transcendem a singularidades. Singularidades que têm raízes na cultura e na magia do povo “*partenopeo*”.²

¹ Tu ne quaesieris, scire nefas, quem mihi, quem tibi
finem di dederint, Leuconoe, nec Babylonios
temptaris numeros. ut melius, quidquid erit, pati.
seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam,
quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare
Tyrrhenum: sapias, vina liques et spatio brevi
spem longam reseces. dum loquimur, fugerit invida
aetas: carpe diem quam minimum credula postero.

² O termo partenopeo muito usado pelo professor para se referir aos napolitanos, tem origem no mito de Partenope. Em um breve resumo do mito que contém algumas variantes, Partenope era uma mulher

O professor se manifesta então como um profundo conhecedor de seu povo, atuando como aquele narrador camponês, mestre artesão do qual fala Benjamin, profundo conhecedor do lugar onde vive e, devido a vivências anteriores ao estabelecimento como camponês ou por meio da troca de experiências, também possui um conhecimento universal (BENJAMIN, 1994). Bellavista, a partir de sua perspectiva de napolitano, apresenta, então, o povo “*partenopeo*” com suas mais encantadoras particularidades, com destaque para relação com a liberdade e o desinteresse em relação ao poder. O conhecimento deste narrador camponês, mestre artesão, que antes de se firmar como tal teria atuado como aprendiz itinerante, e a troca de experiência com seus aprendizes em itinerância e com a população em geral, fazem com que os pensamentos do Professor se adequem não só aos “*partenopei*”, mas a todo ser humano de sociedades modernas.

Muitos dos aforismos que compõem *I pensieri di Bellavista* nascem da cultura popular, da observação e pesquisa do autor sobre o modo de vida do napolitano. Outros, ainda, tornaram-se parte da cultura popular por externarem as sensações e situações vividas pelo leitor. O fato de a narrativa do Professor estar estritamente ligada à vida, à maneira de viver, ou à possível maneira de viver de todo ser humano, coloca-o como um narrador nato, como uma referência na narrativa, segundo a concepção de Walter Benjamin:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (BENJAMIN, 1994, p. 198).

Mesmo envolto em uma atmosfera filosófica, que tende a aproximar a obra da formalidade, *I pensieri di Bellavista* tem, então, uma forte proximidade com a oralidade e a informalidade e esse caráter popular estabelece uma ligação direta com o leitor. Don Gennaro Bellavista mostra-se ainda um mestre da síntese narrativa, quando se vale de elementos como rapidez e leveza na construção de uma eficiente dinâmica de comunicação. Seu texto é rápido na medida em que atinge o leitor instantaneamente, o uso da palavra ou expressão exata fazem com que a mensagem seja transmitida de uma

belíssima que teria despertado inveja e ciúmes por parte da deusa Afrodite, a qual, para impedi-la de se relacionar sexualmente com os homens, a teria transformado em peixe da cintura para baixo e a banido, fazendo de Partenope a primeira sereia existente. O fato de terem a parte inferior de seus corpos transformada em peixe seria o motivo pelo qual as sereias, enfurecidas, devoram os homens após seduzi-los, já que elas são impossibilitadas de se unirem sexualmente a um amante. Após o exílio, Partenope funda a cidade que se tornaria futuramente a cidade de Nápoles.

forma clara e encantadoramente objetiva. Sobre essa rapidez na narrativa, discorre Italo Calvino:

O êxito do escritor, tanto em prosa quanto em verso, está na felicidade da expressão verbal, que em alguns casos pode realizar-se por meio de uma fulguração repentina, mas que em regra geral implica uma paciente procura do *mot juste*, da frase em que todos os elementos são insubstituíveis, do encontro de sons e conceitos que sejam os mais eficazes e densos de significado. Estou convencido de que escrever prosa em nada difere do escrever poesia, em ambos os casos, trata-se da busca de uma expressão necessária, única, densa, concisa, memorável. (CALVINO, 1990, p.61)

A leveza, por sua vez, ocorre na medida em que texto consegue tocar na ferida do leitor, tratando de assuntos delicados e sérios de uma maneira serena. Essa delicadeza, no entanto, não consiste na tentativa de amenizar o impacto da mensagem ou atribuir-lhe efeito eufêmico, muito pelo contrário, funciona como ferramenta da objetividade da comunicação.

A leveza para mim está associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago ou aleatório. Paul Valéry foi quem disse: “Il faut être léger comme Poiseau, et non comme la plume. (É preciso ser leve como o pássaro, e não como a pluma).” (CALVINO, 1990, p. 28)

Capaz de se fazer entender com perfeição e abrangência com poucas palavras, além de seus aforismos serem de grande relevância no auxílio à reflexão e à maneira como conduzimos nossas vidas, todo *I pensieri di Bellavista* é como uma verdadeira lição de vida ao leitor.

Interessa-nos relevantemente, ao analisar a obra, uma reflexão sucinta sobre a questão da ironia, visto que *I pensieri di Bellavista* é estruturado sobre uma relação bastante íntima com a egrégora irônica. Os aforismos de Luciano De Crescenzo levam os leitores a repensarem a vida, de forma divertida e ao mesmo tempo de maneira profunda e até dolorida. O prefácio do livro expõe tais características:

Existe uma filosofia que nasce na Grécia e passa por Nápoles. Uma filosofia que tem dois princípios fundamentais: o amor e a ironia. [...] O ex engenheiro da IBM tornou-se um sábio capaz de não se levar a sério, um moralista brilhante e indulgente, apaixonado demais pela vida para falar mal dela. Neste livro concentrou toda sua filosofia em 365 pensamentos: pílulas agridoces para serem lidas uma por dia ou todas de uma vez, com o único efeito colateral de se colocar, enquanto

se ri, a refletir. (DE CRESCENZO, 2005, p. 2)³ (Tradução nossa)⁴

A ironia presente na obra de De Crescenzo não se resume simplesmente ao significado oposto do que se diz, a ironia aqui presente está no que ficou por dizer, no complemento da fala, no não dito. Logo, a ironia que encontraremos e analisaremos transcende à simples ambiguidade, pois a ironia em si é muito mais que isso, a ironia possui tentáculos, ramificações e possibilidades numerosas. Segundo Linda Hutcheon:

Tentativas de teorizar a ironia geralmente começam com alguma definição semântica da ironia com o dizendo uma coisa e querendo dizer outra. [...] me parece que existe algo além disso que caracteriza a ironia ainda mais particularmente, algo que a torna ainda mais distintamente diferente de outras figuras do discurso, de outras estratégias retóricas ou artifícios estruturais: o que venho chamando de suas “arestas”. Diferentemente da metáfora ou da metonímia, a ironia tem arestas; diferentemente da incongruência ou justaposição, a ironia consegue deixar as pessoas irritadas; diferentemente do paradoxo, a ironia decididamente tem os nervos à flor da pele. Enquanto ela pode vir a existir através do jogo semântico decisório entre o declarado e o não declarado, a ironia é um modo de discurso que tem peso, no sentido de ser assimétrica, desequilibrada em favor do silencioso e do não dito. (HUTCHEON, 2000, p.63)

Este recurso linguístico é explorado pelo Professor em suas várias nuances, ora podendo estar ligado ao humor, sem perder o caráter filosófico, ora ligado à nuance irônica que tem o poder de desconstruir, de ferir, e até mesmo de irritar pelo seu poder de condução ao senso de autocrítica, sem, é claro, deixar de lado a elegância e a leveza. Não existe, portanto, necessariamente relação entre o humor e a ironia na obra, embora esta relação ocorra com bastante frequência. A respeito dessa desobrigatoriedade de relação entre humor e ironia Hutcheon escreve:

[...] a relação entre ironia e humor é discutível (ver Schoentjes, 1993: 99-100), mas nem por isso ela pode ser ignorada ao se lidar com a política da ironia. Nem todas as ironias são divertidas (cf. Freud, 1905: 175), embora algumas sejam. Nem todo humor é irônico, embora algum seja (HUTCHEON, 2000, p.48)

Desse modo, a ironia presente em *I pensieri di Bellavista*, em vários momentos,

³ C'è una filosofia che parte dalla Grecia e passa per Napoli. Una filosofia che ha due principi cardine: l'amore e l'ironia.[...] l'ex ingegnere dell'IBM è diventato un saggio che sa non prendersi sul serio, un moralista brillante e indulgente, troppo innamorato della vita per parlarne male. In questo libro ha raccolto tutta la sua filosofia in 365 pensieri: pillole agridolci da leggere una al giorno o tutte insieme, con l'unica controindicazione di ritrovarsi, mentre si sorride, a pensare.

⁴ Todas as traduções do italiano para a língua portuguesa referentes às obras “*Così parlò Bellavista*” e “*I Pensieri di Bellavista*” presentes neste trabalho são de nossa autoria.

pode não gerar o humor e sim um certo desconforto, angústia e inquietação provenientes do paradoxo de que a verdade e o conhecimento possam, num primeiro instante, gerar desconforto ao invés de libertação e serenidade. Além disso, há que se fazer referência a outra característica bastante presente e marcante no livro, a qual será abordada no decorrer da análise ao lado da ironia, que é o elemento satírico. A sátira atua aqui, juntamente com a ironia, como artefato fundamental para atingir o cerne dos equívocos humanos, denunciando a estupidez e conduzindo à pretendida reflexão moral sobre a qual se edifica a estética do aforismo.

O primeiro capítulo desta dissertação, composta de três capítulos, então, apresenta o autor Luciano De Crescenzo, o qual muitas vezes funde-se ao narrador, o professor Don Gennaro Bellavista, o qual também é apresentado no primeiro capítulo em um regresso oportuno ao seu berço de nascimento, o romance *Così Parlò Bellavista*, 1977. Neste momento, a partir das reflexões do professor é apresentada também um pouco da cultura do povo napolitano. A província de Nápoles atua como espaço do romance e sua cultura influencia diretamente na construção dos aforismos de *I pensieri di Bellavista*.

Uma linha bastante tênue determina os limites entre a sátira e a ironia nos enunciados do Professor, por este motivo elas serão observadas juntas no segundo capítulo, inclusive o momento em que a sátira transita para ironia nos aforismos de Bellavista. Como o humor é característica marcante também na obra, breves reflexões sobre o cômico serão ponderadas, visto que o chiste atua, em quantidade considerável, como ferramenta auxiliar tanto da sátira quanto da ironia presentes nesta obra de De Crescenzo.

Por fim o terceiro capítulo retrata as questões de cunho filosófico presentes na obra. Espiritualidade taoista, conceito *carpe diem* e filosofia epicurista, elementos que juntos à sátira, à ironia e ao humor constroem a suavidade das advertências presentes nos aforismos de Don Gennaro.

I

De Crescenzo e Bellavista

Opto por apresentar Luciano De Crescenzo como ele escolheu apresentar-se em *I pensieri di Bellavista*, oferecendo ao leitor degustações sinestésicas de tenros episódios de sua vida, sem nunca deixar de lado a reflexão e o senso de humor. Pretendo, então, aqui apresentar nosso aforista através de uma singela abordagem sobre as escritas de si, do eu e/ou memorialistas presentes em *I pensieri di Bellavista*, a qual nos apresenta sob uma nuance filosófica os elementos que construíram a essência de De Crescenzo.

Merece atenção especial nesta obra de De Crescenzo o fato de que embora o livro seja tido tecnicamente como um livro de aforismos, muitos dos textos da obra são, na verdade, pequenas narrativas inseridas entre os aforismos. A grande maioria dos textos que possuem elementos da escrita de si está disposta no livro neste formato de gênero narrativo. No corpo de *I pensieri di Bellavista* encontramos memórias que apresentam particularidades do autor como sua doença e sua relação com a idade e com o tempo, memórias que remetem ao seu ingresso e à sua saída da IBM Itália, memórias que apresentam de perto seu pai, sua mãe e seus familiares e, ainda, memórias que apontam sua origem, sua paixão por Nápoles e fatores que influenciaram sua formação pessoal e artística.

Grégorie Boullier, em uma entrevista concedida à Folha de São Paulo no ano de 2009, diz o seguinte:

Em meu último livro, me diverti particularmente contando a história e colocando em cena minha forma de descrevê-la. Como se os bastidores fizessem parte da peça de teatro. Foi uma experiência bastante engraçada.” (Apud CARLOS, Ana Maria e ESTEVES, Assis, 2009. p. 9)

É exatamente essa a sensação que temos ao ler *I pensieri di Bellavista*, na qual, de maneira bastante lúdica e leve, em muitos momentos, autor, narrador e personagem bailam de mãos dadas pelas ruas de Nápoles, uníssonos num só ser.

No início dos anos noventa Luciano De Crescenzo foi diagnosticado com uma rara doença neurológica, a prosopagnosia, também conhecida como cegueira para feições. A palavra tem origem grega *prosopon* = cara e *agnosia* = incapacidade para

reconhecer. A doença caracteriza-se, então, pela capacidade de reconhecer rostos estar danificada, embora a capacidade de reconhecer objetos permanece aparentemente intacta. Embora tal disfunção seja ainda pouco estudada, acredita-se que ela seja de fator genético e que afete 2% da população mundial em níveis distintos. Os tratamentos em relação à moléstia, por enquanto, limitam-se a desenvolver e a apresentar aos pacientes técnicas que os ajudem a reconhecer rostos conhecidos através de outros sinais que não sejam a feição, como, por exemplo, timbre de voz, cor de cabelo e outras quaisquer características específicas. No caso de De Crescenzo o problema se apresenta em nível avançado e ele tem dificuldades de reconhecer colegas, amigos e até mesmo parentes próximos. No aforismo seguinte o narrador nos coloca diante de um episódio em que ele não reconhece sua única irmã.

103 - Fui afetado por uma deficiência física chamada prosopagnosia, que consiste na impossibilidade de reconhecer pessoas por traços físicos, embora reconhecendo-as pelo som da voz. Certo dia não reconheci minha irmã (tenho apenas uma irmã) e me apresentei a ela dizendo: "Prazer, De Crescenzo." Ela começou a chorar. (DE CRESCENZO, 2005, p. 18)

103 - Sono affetto da una menomazione fisica chiamata prosopagnosia che consiste nell'impossibilità di riconoscere le persone dai soli tratti somatici pur riconoscendole dal suono della voce. Un giorno non ho riconosciuto mia sorella (ne ho solo una) e mi sono presentato dicendole: "Piacere, De Crescenzo". Lei si è messa a piangere

Uma das mais excepcionais características de Luciano De Crescenzo, característica, aliás, que não poderia faltar a um escritor de aforismos, em virtude de o humor ser elemento primordial desse tipo de escrita, é a arte de rir dos absurdos da vida, inclusive no que diz respeito a si próprio. O escritor debocha da sua condição de portador da prosopagnosia, como podemos perceber no aforismo de número 95. Consideremos que a prosopagnosia em nível avançado pode fazer com que a pessoa não lembre até mesmo do próprio rosto.

95 - Às vezes, olhando-me no espelho, não me reconheço. Estava convicto de que eu era diferente. (DE CRESCENZO, 2005, p.17)

95. A volte, guardandomi allo specchio, non mi riconosco: ero convinto di essere diverso.

O tempo

As escritas memorialistas possuem uma relação muito íntima com o tempo, muitas dessas escritas referem-se a passados distantes, às vezes envoltos quase que completamente já pelo nebuloso manto do esquecimento e seus autores, de alguma forma, buscam trazer de volta ou aproximar um pouco esse passado do momento presente e real. Escrever a respeito de si é também uma forma de buscar a imortalidade, ainda que inconscientemente, pois uma memória escrita pretende ser lida e perpetuar seu protagonista. A busca pela eternidade através das escritas de si podem manifestar-se mais fortemente se aquele que as escreve considera que já não existem muitas milhas a se trilhar dos caminhos da própria existência. Em 2005, quando Luciano De Crescenzo escreveu *I pensieri di Bellavista*, ele possuía então 76 anos e já sentia o crepúsculo de seus dias, embora continue vivo e com 89 anos atualmente (Novembro de 2017). Vejamos a metáfora que ele usa para demonstrar seus sentimentos em relação a tal no aforismo de número 133

133. Completei setenta e seis anos. Sou na prática uma pessoa que recebeu 30 dias de férias e já gozou de vinte e seis. (DE CRESCENZO, 2005, p.22)

Ho compiuto settantasei anni. Sono in pratica uno che ha avuto trenta giorni di ferie e che ne ha consumati già ventisei.

No aforismo de número 197, De Crescenzo fala de si tocando em três dolorosos pontos que inevitavelmente assolam o ser humano em determinado ponto de sua caminhada: saudades, desconhecimento do paradeiro de pessoas que um dia se amou e, por fim, o apelo ao sobrenatural para se reencontrar pessoas que amamos e que um dia fizeram parte de nossas vidas. É com muita ternura e nostalgia que o escritor se refere a pessoas que fizeram parte de sua infância e a histórias relacionadas a essas pessoas. Um traço marcante desse aforismo, e que nos mostra a íntima relação de De Crescenzo com o tempo, é a demonstração do que talvez seja o vilão mais cruel que caminha de mãos dadas com o tempo: a confusão das ideias e das lembranças, as histórias que, talvez por estarem mutiladas por Chronos, se fundem umas às outras na tentativa inútil de trazer à tona o passado.

197 - Os pensamentos vão se emaranhando dentro da cabeça e brigam entre si. Alguns são pensamentos pessoais, se referem a pessoas que conheci pela vida e que permaneceram no meu coração. Gino

Palumbo, Lello Barbuto, Mimi Della Gala, Gennarino Manna, hoje lhes ignoro o destino. Depois o Professor Marotta, o meu professor de educação física, ele se apaixonou por Annamaria Jannaccone e sofria por não ser correspondido. Ela também sofria e tinha desmaios quando ele tentava qualquer investida. Como eu gostaria de revê-los todos e organizar no paraíso uma grande festa com “*sartù di riso con le polpettine di carne*”⁵ e com um brinde final feito com o “*vino di Gragnano*”⁶. (DE CRESCENZO, 2005, p.28)

I pensieri si affollano nella mente e litigano tra loro. Alcuni sono pensieri personali. Si riferiscono a persone che ho conosciuto nella vita e che mi sono rimaste nel cuore: Gino Palumbo, Lello Barbuto, Mimi Della Gala, Gennarino Manna, oggi tutti scomparsi. Poi il professore Marotta, il mio insegnante di ginnastica. Lui s'innamorò di Annamaria Jannaccone e soffriva nell'essere rifiutato. Anche lei soffriva e aveva degli svenimenti quando lui tentava qualche avance. Quanto mi piacerebbe rivederli tutti e come sarebbe bello organizzare in Paradiso una grande tavolata con un sartù di riso con le polpettine di carne e con un brindisi finale fatto col vino di Gragnano.

O engenheiro

Luciano De Crescenzo, após formar-se engenheiro, ingressou como representante comercial na IBM Itália e lá permaneceu por aproximadamente 20 anos, chegando a assumir um posto na diretoria. Podemos dizer que sua vida profissional fora do meio artístico e acadêmico se resumiu exclusivamente a este trabalho. No aforismo de número 98 é retratado o momento em que ele conversa com sua mãe a respeito de seu ingresso na empresa. Detalhe importante é a forma que o narrador escolheu para apresentar não só sua mãe em si, mas também os valores éticos, religiosos e culturais do círculo familiar em que ele foi criado. É-nos apresentado de forma explícita que o narrador interage intimamente com Luciano De Crescenzo, fundindo-o ao professor Bellavista, ou então que o narrador, o autor e o Personagem representam uma única pessoa: (LEJEUNE, 2008.)

98 - Uma conversa com minha mãe na metade dos anos 50:
“ Mamãe, encontrei um trabalho”
“ Onde?”

⁵ Prato típico italiano que se assemelha a um bolo de arroz recheado, cujo recheio pode ser de legumes, carnes ou frios, acompanhado de pequenas almôndegas ao molho.

⁶ O vinho *di Gragnano* é fabricado na própria região de Nápoles, na comuna di Gragnano. Famoso por ser popular e acessível economicamente e, no entanto, é considerado insubstituível pelos napolitanos, de sabor único. O vinho di Gragnano também é tido como um elemento que faz parte do dia a dia napolitano sem deixar de estar presente nas cerimônias festivas, onde, aliás, é imprescindível a sua presença.

“ Na IBM.”
 “Na UPIM?”
 “Não na upim, na ibm.”
 “E que trabalho faz?”
 “Vendo computadores.”
 “E quem os compra?”
 “Aqueles que precisam fazer cálculos.”
 “E quanto custam?”
 “De acordo com a velocidade: Aqueles pequenos custam pouco, aqueles grandes podem custar milhões.”
 “Você, porém, se lembre que roubar é pecado” (DE CRESCENZO, 2005, p.17)

Un discorso con mia madre fatto a metà degli anni Cinquanta:
 "Mamma, ho trovato un lavoro."
 "Dove?"
 "Alla IBM."
 "All'UPIM?"
 "No alla upim, alla ibm."
 "E che lavoro fai?"
 "Vendo i computer."
 "E chi se li compra?"
 "Quelli che devono fare i calcoli."
 "E quanto costano?"
 "Secondo la velocità: quelli piccoli poco, quelli grandi possono costare anche miliardi."
 "Tu, però, ricordati che rubare è peccato."

Da mesma forma que nos é apresentado, de maneira muito íntima, o ingresso de De Crescenzo na IBM Itália, através do diálogo com sua mãe, é apresentada a própria imagem de sua mãe, a qual representa um padrão materno de sua geração e cultura. De forma não menos íntima ele nos apresenta no aforismo 129 a dureza, a frieza e a ausência de afeto que permeia as relações sociais nos dias atuais ao narrar com leve ironia e uma boa dose de desilusão o momento em que deixa o referido trabalho para dedicar-se exclusivamente à quimérica vida de artista. O aforismo seguinte, transfigurado em uma narrativa breve, consegue, por meio de um relato que, embora apresente um período de poucas horas, mostra explícita e dolorosamente três situações comuns à vida de todo homem contemporâneo: a tristeza e a ira que se vivência ao não se encontrar amor e afeto onde se espera encontrá-los; o sonho e as expectativas geradas nas tentativas de se mudar de vida; e, por fim, a desilusão ao se constatar que a nova vida pela qual se almejava não trouxera as mudanças esperadas.

129 - Quando, em 1978, deixei a IBM, fui até o diretor geral da sociedade para entregar-lhe minha carta de demissão. Depois subi ao segundo andar para me despedir de meus ex colegas. Estava comovido. “Pessoal” eu disse “este é o meu último dia de trabalho.

Queria abraçar todos vocês, um de cada vez.” Porém um deles me interrompeu dizendo “ Nos desculpe, De Crescenzo, mas temos reunião de vendas com o doutor Fiumara.” Eu consequentemente fiquei com raiva. Ainda que eu seja napolitano, mas depois de vinte anos de trabalho sentia a necessidade de um abraço. Saí correndo para ir à Mondadori, onde eu tinha uma reunião com o doutor Caruso. Bem, fato é que tanto a IBM quanto a Mondadori se encontram ambas em Segrate a pouca distância uma da outra. Desnecessário chamar um taxi para um percurso tão curto. Comecei a caminhar. Soprava um vento leve que me despenteou os cabelos. “Ora” pensei “não sou mais um engenheiro: sou um artista.” Então tirei a gravata e desabotoei o colarinho. Começava para mim uma outra vida. Me pus também a cantar: “vento, vento”. Porém infelizmente me atrasei e na entrada da Mondadori encontrei a secretária do doutor Caruso que me disse: “ Rápido, engenheiro, rápido, tem uma reunião de vendas no terceiro andar”. Era tudo igual. (DE CRESCENZO, 2005, p.21.)

Quando, nel '78, ho lasciato la ibm sono andato dal direttore generale della società per consegnare la lettera di dimissioni. Poi sono sceso al secondo piano per salutare i miei ex compagni. Ero commosso. "Ragazzi" ho detto, "questo è il mio ultimo giorno di lavoro. Vorrei abbracciarvi tutti, uno alla volta." Uno di loro, però, mi ha interrotto dicendo: "Scusaci De Crescenzo, ma abbiamo Riunione Vendite con il dottor Fiumara". Io allora mi sono arrabbiato. Sarà che sono napoletano, ma dopo vent'anni di lavoro sentivo il bisogno di un abbraccio. Sono uscito di corsa per andare alla Mondadori dove avevo appuntamento con il dottor Caruso. Ora si dà il caso che sia la IBM che la Mondadori si trovino entrambe a Segrate a poca distanza l'una dall'altra. Inutile far venire un taxi per un percorso così breve. Mi sono avviato a piedi. C'era un po' di vento e mi si sono scompigliati i capelli. "Per forza" ho pensato, "ora non sono più un ingegnere: sono un artista." Allora mi sono tolto la cravatta e slacciato il colletto della camicia. Cominciava per me un'altra vita. Mi sono messo anche a cantare: "Vento, vento". Purtroppo, però, ho fatto tardi e all'ingresso della Mondadori ho incontrato la segretaria del dottor Caruso che mi ha detto: "Presto ingegnere, presto, che c'è Riunione Vendite al terzo piano". Era tutto uguale.

Família

Neste momento foram selecionados aforismos onde o autor opta por apresentar-se de forma indireta, por meio da apresentação de alguns parentes próximos. De Crescenzo escolhe passagens peculiares e engraçadas de sua infância e adolescência para apresentar integrantes de seu corpo familiar. A sensação que se nos apresenta é de um escritor que optou por revelar sua vida de uma forma bem humorada, onde não há a necessidade de ser o centro das atenções. O autor se coloca em segundo plano, conduzindo a atenção do leitor à beleza e à riqueza singular dos demais personagens, à maravilha do ambiente onde viveu e da arte em si do viver. Antônio Cândido, em um

ensaio sobre possíveis formas de autobiografia, no qual ele tem como objeto de estudo, dentre outros, *Boitempo* e *Menino Antigo* de Drummond, memórias autobiográficas em forma de poesia, livros aos quais ele se refere no excerto que se segue, comenta sobre o tipo de escritas de si que também podem ser percebidas em *I pensieri di Bellavista*.

Ora, esse intuito autobiográfico não ocorre sob o aspecto de autoanálise, dúvida, inquietude, sentimento de culpa [...]mas com aquele sentimento do mundo como espetáculo[...]. A impressão é de que o poeta inclui deliberadamente a si mesmo na trama do mundo como parte do espetáculo, vendo-se de fora para dentro. Dir-se-ia então que a tonalidade dos últimos livros é fruto de uma abdicação do individualismo extremado, em favor de uma objetividade que encara serenamente o eu como peça do mudo. (CÂNDIDO, 1989, p.54)

A filosofia é um dos principais elementos que formam *I pensieri di Bellavista*, e é com uma afirmação filosófica que De Crescenzo abre o aforismo de número oito, relacionando fé à qualidade de vida. Em seguida, apoiando-se no conceito filosófico que acabara de afirmar, o autor comenta como exemplo a postura forte e serena de sua mãe até os momentos que antecederam a morte dela, graças à maciça fé cristã que lhe alicerçava a vida. Desta forma, De Crescenzo mostra ao leitor um pouco de si, ao explicitar os valores religiosos sob os quais ele fora criado. Em seguida o escritor foge das questões puramente autobiográficas e fecha o aforismo retornando às questões filosóficas temperando-as com um de seus temperos prediletos nesta obra, a ironia.

8. Aqueles que têm fé vivem melhor que aqueles que não a têm. A minha mãe, por exemplo, viveu serena até o último dia de sua vida exatamente porque estava convicta de que se tratava de uma simples transferência. Porém infelizmente não se pode decidir ter fé só porque convém. Já é difícil parar de fumar, imagina de duvidar. (DE CRESCENZO, 2005, p.9)

Quelli che hanno fede vivono meglio di quelli che non ce l'hanno. Mia madre, ad esempio, è vissuta serena fino all'ultimo istante proprio perché era convinta che si trattasse di un semplice trasferimento. Purtroppo, però, non si può decidere di aver fede solo perché conviene. E' già difficile smettere di fumare, immaginiamoci di dubitare.

No aforismo 135, Luciano De Crescenzo, ao narrar o episódio em que seu tio lhe presenteia com um relógio, apresenta um episódio de sua vida que expressa dois momentos distintos da sociedade, tanto no que diz respeito às questões econômicas (um período no qual poucas pessoas possuíam relógio, confrontado com o tempo atual onde praticamente todo mundo dispõe de dispositivos que forneçam hora), tanto no que diz respeito às relações sociais (o fato de ninguém precisar perguntar as horas a outra pessoa contribui para que as pessoas conversem menos e se enclausurem cada vez mais

dentro de suas individualidades). O aforismo em questão possui um valor histórico e, mais do que uma história do autor, passa a ser a história de todo povo napolitano. A poesia que rega a narrativa do aforismo atenua o caráter autobiográfico e o aproxima da escrita lírica e transcende à apresentação restrita de fatos relativos a determinada pessoa para representar todo um povo, ou como diria Antônio Cândido ao se referir a determinadas obras produzidas em Minas Gerais, tais traços imprimem um cunho de acentuada universalidade à matéria narrada.

Nesta palestra desejo comentar recentes livros produzidos por escritores mineiros, que podem ser classificadas de autobiografias poéticas e ficcionais, na medida em que, mesmo quando não acrescentam elementos imaginários à realidade, apresentam-na num todo ou em parte como se fosse produto da imaginação, graças a recursos expressivos próprios da ficção e da poesia, de maneira a efetuar uma alteração no seu objeto específico. Além disso a Palestra visa a sugerir que estes traços imprimem um cunho de acentuada universalidade à matéria narrada, a partir de algo tão contingente e particular como é o princípio da vida de cada um. (CÂNDIDO, 1989, p. 51)

Vejamos o aforismo que trata do assunto:

135 - Para a primeira comunhão Tio Guglielmo me presenteou com um relógio. Eu o usava sobre o punho da camisa, de modo que todos o pudessem ver. O máximo do prazer eu experimentava quando alguém me perguntava as horas. Naquela época os relógios eram raros e acontecia frequentemente que alguém perguntasse as horas a um transeunte. Hoje, ao contrário, se vê as horas em todo lugar e ninguém a pergunta mais a você. (DE CRESCENZO, 2005, p.22)

135 - Per la mia prima comunione zio Guglielmo mi regalò un orologio. Io lo portavo sul polsino della camicia in modo che tutti lo potessero vedere. Il massimo della goduria lo provavo quando qualcuno mi chiedeva l'ora. All'epoca gli orologi erano rari e quindi capitava spesso che qualcuno chiedesse l'ora a un passante. Oggi, invece, la si legge ovunque e non te la chiede più nessuno.

Da mesma forma como ocorre no aforismo anterior, aqui no aforismo cento e trinta e seis, o narrador utiliza-se de um episódio em que seu pai o presenteia com uma caneta tinteiro, para representar como eram as relações entre pais e filhos no período que se refere à infância de De Crescenzo, assim como, para representar a imagem paterna padrão daquela sociedade na época em que sucede o relato. É-nos possível perceber aqui uma lúdica mistura de ternura e brutalidade na figura paterna dos napolitanos de meados do século XX.

136 - Setembro de 1938. Primeiro ano do ginásio. Meu pai me

entregou uma caneta tinteiro. Era uma Waterman de cor preta. Deu-a a mim de presente e me disse: “Eu a tenho há mais de dez anos. Agora você a perde e eu te mato”. (DE CRESCENZO, 2005, p.22)

136 - Settembre 1938. Prima ginnasio. Mio padre mi consegnò una penna stilografica. Era una Waterman di colore nero. Me la regalò e mi disse: "Io ce l'ho da più di dieci anni. Tu adesso perdila e io ti uccido".

Ainda no que diz respeito à figura paterna dos “*partenopei*”, merece evidência um outro aforismo de De Crescenzo, onde ele apresenta um pouco mais da força, da seriedade e da forma de expressar-se com poucas palavras dos patriarcas napolitanos. São apresentados três episódios distintos para tal observação. Primeiramente é abordado um episódio de um desfile protagonizado por jovens estudantes fascistas, dos quais o pai de De Crescenzo critica a estupidez. Num segundo momento o pai de De Crescenzo responde, em um monólogo retórico, a uma canção de Natalino Otto, Cantor italiano que canta uma música em ritmo fox, intitulada “*Ritmo... senti che ritmo*”. Neste caso a crítica se deve ao fato de Natalino cantar uma música de ritmo americano, derivado do blues, que exalta o respectivo gênero musical e, por fim, manifesta-se a respeito do incômodo causado pelo aparelho de telefone.

170. Meu pai falava pouquíssimo. Em geral não usava mais de uma palavra para definir um conceito.

Um dia, tendo visto desfilar os universitários fascistas que cantavam “juventude, juventude”, disse: “Os estudantes”. Uma outra vez, ao contrário, ouviu Natalino Otto cantar “Ritmo, ritmo por favor” e disse: “África”. E, por fim, uma outra vez ouviu tocar o telefone enquanto estávamos à mesa e disse: “O telefone”. Em todos os três casos o seu rosto exprimia o máximo de desgosto.

170 - Mio padre parlava pochissimo. In genere non usava più di una parola per esprimere un concetto.

Un giorno, avendo visto sfilare gli universitari fascisti che cantavano "Giovinezza, giovinezza", disse: "Gli studenti". Un'altra volta, invece, sentì Natalino Otto cantare "Ritmo, ritmo per favore" e disse: "Africa". Un'altra volta, infine, sentì squillare il telefono mentre stavamo a tavola e disse: "Il telefono". In tutti e tre i casi la sua faccia esprimeva il massimo disgusto.

Da mesma forma, De Crescenzo utiliza-se novamente de um pequeno episódio em que conversa com seu pai quando criança para mostrar ao leitor a riqueza e ao mesmo tempo um problema presente na língua italiana até os dias atuais (embora

consideravelmente atenuado), que é a existência de vários dialetos dentro da língua, o que fazia com que italianos natos não conseguissem se comunicar entre si sem o auxílio de um intérprete.

151. Um dia vi uma foto de meu pai como soldado da guerra '15-18. Havia sobre o braço a identificação de intérprete. Lhe perguntei então se ele sabia alemão e ele me respondeu que não sabia, mas trabalhava como intérprete entre o tenente que era veneto e o sargento que era siciliano. Depois chegou Mike Bongiorno para ensinar italiano a todos os italianos. (DE CRESCENZO, 2005, p.24)

151 - Un giorno vidi una foto di mio padre soldato della guerra '15-18. Aveva sul braccio la scritta interprete. Gli chiesi allora se sapeva il tedesco e lui mi rispose che non lo sapeva, ma che faceva l'interprete tra il tenente che era veneto e il sergente che era siciliano. Poi arrivò Mike Bongiorno a insegnare l'italiano a tutti gli italiani.

Considerando a maneira como De Crescenzo é apresentado em *I pensieri di Bellavista*, é legítima a possível comparação do valor histórico, que Cândido atribui a determinados autores mineiros, com a função de preservador da memória da sociedade napolitana que certos aforismos desta obra apresentam, onde através de um fato singularmente particular, mostra-se a totalidade de um povo.

Por tudo isso, depois de *Marília de Dirceu*, tomemos *Minhas recordações*, como exemplo da capacidade demonstrada por tantos mineiros de, inserindo o eu no mundo, mostrar os aspectos mais universais nas manifestações mais particulares, num avesso da autobiografia estritamente individualista do tipo Nabuco, da qual o interesse é de outro tipo e consiste em reduzir o geral à contingência do particular. (CÂNDIDO, 1989, p. 54-55)

Origens

De Crescenzo, um “*partenopeo*” apaixonado pela cultura napolitana, a qual, no decorrer da obra, estampa um povo que desde sua origem está muito mais ligado ao amor e às relações pessoais que a questões materiais e financeiras, apresenta um pouco desses costumes no aforismo de número 117, indicando suas próprias origens e apontando elementos que compõem a sua formação pessoal, artística e filosófica. O aforismo em questão trata do chamado “*caffè sospeso*”, prática que teve início em Nápoles no decorrer da segunda guerra mundial e que consiste, quando se está a tomar um café, em deixar um café pago a uma terceira pessoa desconhecida que o queira ou necessite. Tal prática se faz quando se está feliz por algum motivo ou simplesmente quando se pode fazê-lo financeiramente. O curioso é que esta prática vem se espalhando

pelo mundo e se expandindo a “*biglietto sospeso*”, que consiste em deixar um entrada de cinema paga, “*panino sospeso*”, deixar um pão pago e, por que não, o “*pranzo sospeso*”, um almoço pago a alguém que o necessite. Atualmente existe uma rede de cafeteria internacional que adotou o nome “*caffè sospeso*” e a prática também. Em 2009, Luciano De Crescenzo lança um livro de contos homônimo.

117 - Uma vez em Nápoles, no bairro Sanità, quando alguém estava feliz, porque algo lhe havia sucedido bem, ao invés de pagar um café pagava dois e deixava o segundo café, aquele já pago, para um próximo cliente. O gesto se chamava “*il caffè sospeso*”. Depois, de vez em quando, aparecia um pobre que perguntava se havia um “*sospeso*”. Era um modo como um outro para oferecer um café à humanidade. (DE CRESCENZO, 2005, p.20)

117 - Una volta a Napoli, nel quartiere Sanità, quando uno era allegro, perché qualcosa gli era andata bene, invece di pagare un caffè ne pagava due e lasciava il secondo caffè, quello già pagato, per il prossimo cliente. Il gesto si chiamava “*il caffè sospeso*”. Poi, di tanto in tanto si affacciava un povero per chiedere se c'era un “*sospeso*”. Era un modo come un altro per offrire un caffè all'umanità.

No aforismo cento e trinta e quatro, Luciano De Crescenzo apresenta uma série de informações relativas a si, como, por exemplo, que na idade de quinze anos, durante a segunda guerra mundial, ele teve que fugir dos alemães e que neste episódio ele realizou leituras que foram de extrema importância na sua formação como artista e principalmente como humorista.

134 - Aos quinze anos, durante a guerra, para escapar dos alemães, encontrei em uma cantina vinte e dois livros do humorista inglês Wodehouse. Nunca entendi se me tornei humorista por ter-lhe lido todos os vinte e dois ou se gostei tanto porque era já um humorista. (DE CRESCENZO, 2005, p.22)

134 - A quindici anni, durante la guerra, per sfuggire ai tedeschi, trovai in una cantina ventidue libri dell'umorista inglese Wodehouse. Non ho mai capito se sono diventato umorista per averli letti tutti i ventidue, o se mi piacquero tanto perché ero già umorista .

De Crescenzo tornou-se mundialmente conhecido a partir da publicação, em 1977, do romance *Così parlò Bellavista* que vendeu, em apenas um ano, milhares de exemplares e foi traduzido para as mais diversas línguas, transformando-se, assim, em um fenômeno literário. Formou-se em Engenharia pela Universidade de Nápoles com notas máximas e após formado começou a trabalhar como representante comercial da IBM Itália, onde trabalhou durante aproximadamente vinte anos. Após o grande sucesso como escritor resolveu abandonar a IBM e dedicar-se à literatura, à televisão e

ao cinema.

O escritor napolitano publicou, até o momento, cerca de cinco dezenas de livros que gravitam entre os mais variados temas e gêneros, com destaque para as narrativas literárias, livros e ensaios que versam principalmente sobre mitologia e filosofia. Além de ter se notabilizado como escritor e filósofo, De Crescenzo também atuou como roteirista, ator, apresentador de programas de televisão e diretor de cinema. *Così parlò Bellavista*, por exemplo, tornou-se filme em 1984 tendo sido dirigido e protagonizado pelo próprio Luciano De Crescenzo. O escritor recebeu ao longo de sua vida vários prêmios tanto pela produção literária e ensaística como pela produção e direção cinematográfica. Além disso, recebeu, em 1994, em homenagem à sua vasta publicação sobre filosofia e mitologia grega o título de cidadão Ateniense. (DE CRESCENZO, 1989)

Don Genaro Bellavista

O personagem Professor Bellavista, o qual é professor de filosofia, nasce, então, no romance inaugural de Luciano De Crescenzo, de 1977, *Così parlò Bellavista*. A obra pode ser dividida em duas partes: nos capítulos ímpares ocorrem as conversas entre os amigos que, basicamente ouvem e interagem com os ensinamentos do Professor e nos capítulos pares são narradas crônicas, inclusive, algumas em primeira pessoa, narradas, assim como nos capítulos ímpares, pelo engenheiro De Crescenzo e outras que simplesmente narram absurdos e curiosidades do dia a dia do povo napolitano. As crônicas interagem, ainda que sutilmente com os pensamentos e reflexões ponderadas pelo grupo de amigos.

Os principais personagens que compõem o romance são: o vice porteiro substituto Salvatore Coppola, o qual divide um posto de porteiro com outros dois companheiros: Amodio Ferdinando e Don Arnaldo; Dottor Passalacqua; o poeta Luigino; Don Saverio; Doutor Vittorio Palluotto; o engenheiro De Crescenzo e o Professor Gennaro Bellavista. As reuniões e reflexões entre os amigos acontecem geralmente na casa do Professor e as conversas sempre estão relacionadas à postura do ser humano no planeta. Amor, liberdade, relatividade, qualidade de vida, desigualdade social (nesse ponto toca-se, embora de leve, em questões de lutas de classe, principalmente nos capítulos em que são apresentadas as crônicas), poder, política, amor e beleza norteiam as conversas regadas aos vinhos oferecidos pelo Professor aos amigos.

Gennà (forma carinhosa que os amigos usam às vezes para se referir ao Professor), para fins didáticos, gosta de dividir a sociedade em grupos, geralmente em dois, como, por exemplo, as pessoas que preferem tomar banho de chuveiro e as que preferem tomar banho de banheira (DE CRESCENZO, 1977, p. 30) e, sempre a partir destas divisões, inicia-se uma discussão filosófica. Na questão dos grupos relacionados à preferência pelo tipo de banho está toda uma reflexão sobre o encontro consigo mesmo, com o tempo pessoal, com a valorização da solidão e do pensamento. Em muitos momentos do livro os napolitanos servem de referência a determinado grupo que contrapõe-se ao grupo formado pelos milaneses, nesse caso os napolitanos preferem a banheira e os milaneses o chuveiro. De acordo com esse grupo de amigos, os milaneses estão mais relacionados à modernidade, à pressa e à nocividade do consumismo, contrapondo-se aos napolitanos que estariam mais relacionados à essência verdadeira do ser humano, valorizando elementos mais singelos, artísticos e mais amorosos. E as divisões vão surgindo, como aqueles que preferem as árvores de natal e aqueles que preferem os presépios. Uma divisão bastante interessante da humanidade, a qual rende um longo capítulo do livro, é a divisão entre os seres que se guiam pelo amor e os que se guiam pela liberdade. Aqui os napolitanos seriam os seres de amor e os milaneses seriam os seres de liberdade.

“La teoria dell’amore e della libertà” (DE CRESCENZO, 1977, p. 49-69), capítulo VII, é um capítulo que o narrador, de certa forma, escolhe para mostrar a essência da cultura do napolitano. No início do capítulo o narrador, engenheiro De Crescenzo, sintetiza como se dará esta apresentação da cultura napolitana:

[...] e aqui esteja claro que por cultura napolitana não me refiro somente à poesia de Di Giacomo, de Viviani ou de De Felippo, mas também àquela sabedoria de vida dos nossos idosos, o seu equilíbrio, seus modos de dizer, em suma, usando de uma expressão grosseira, podemos chamar essa cultura a que me refiro de “filosofia napolitana”.⁷ (DE CRESCENZO, 1977, p. 49)

A tarefa de apresentar essa filosofia napolitana fica, é claro, por conta do Professor Bellavista, o qual apresenta a base de todas as discussões ocorridas neste capítulo: sua teoria do amor e da liberdade. Gennaro diz que no processo de construção de sua teoria ele primeiramente teve contato com o tema através de um amigo de Milão. Em seguida aprofundou o tema e o integrou com a filosofia de Epicuro, a propósito, a

⁷ [...] e qui sai chiaro che per cultura napoletana non intendo solo la poesia di Di Giacomo, di Viviani o di Felippo, ma anche quella saggezza di vita dei nostri vecchi, Il loro equilibrio, i loro modi di dire, insomma quella che volendo usare una brutta espressione si è soliti chiamare “filosofia napoletana”.

filosofia de Epicuro tem grande relevância para a formação da personalidade e da postura do professor e será merecedora de uma reflexão mais profunda em um capítulo à frente nessa dissertação. Em uma condensação do que seria o amor, O Professor o define como “aquele desejo instintivo que o Homem tem pela companhia e afeto dos outros homens” (p.53)⁸ e cita Jesus Cristo como referência de prática de amor, enfatizando que o amor se pratica com as pessoas que literalmente estão do nosso lado:

[...] é fácil amar a humanidade, difícil é amar o próximo. Cristo, na verdade, não disse “Ama a humanidade como a ti mesmo”, mas disse “Ama o teu próximo como a ti mesmo”, e sabe por quê? Porque o teu próximo te diz a palavra, é aquele que está do teu lado, aquele que está sentado do teu lado no metrô e às vezes fede, aquele que está atrás de ti na fila e quer passar adiante, em suma, o próximo é aquele que ameaça a tua liberdade pessoal. (DE CRESCENZO, 1977, p.54)⁹

E sintetizando o conceito de liberdade o professor diz:

Deixe-me explicar. Assim, por desejo de liberdade devemos entender a tendência a defender a nossa própria intimidade. Aqui, na verdade, a palavra intimidade não traduz bem a ideia, uma vez que, geralmente ela é usada para definir situações em que estamos exatamente reservados, enquanto ao contrário, a esfera pessoal que pretendemos defender é muito mais vasta e se estende da liberdade de ação à liberdade de pensamento.[...] tomaremos emprestada a palavra “privacy” que, mais que um sentimento, exprime uma maneira de viver e concluiremos dizendo que por desejo de liberdade devemos entender o desejo de proteger a nossa privacidade e ao mesmo tempo o desejo de respeitar a privacidade alheia. (DE CRESCENZO, 1977, p.55)¹⁰

Para discorrer a respeito da liberdade, Bellavista apoia-se na filosofia taoista, a qual, segundo o professor se inicia com o filósofo Yang-Chu.

Yang-Chu, que foi o primeiro filósofo taoista, disse: Meus senhores, se querem viver bem, cada um deve pensar em si próprio e evitar de

⁸ quel desiderio istintivo che ha l'uomo per la compagnia e l'affetto degli altri uomini

⁹ [...] è facile amare la umanità, difficile è amare il prossimo. Cristo infatti non disse: “Ama l'umanità come te stesso” ma disse “Ama il prossimo tuo come te stesso”, e sai perché? Perché il prossimo tuo te lo dice la parola, è quello che ti sta vicino, quello che sta seduto vicino a te nella metropolitana, e che magari puzza, quello che sta dietro a te nella fila e che vuole passare davanti, insomma, il prossimo tuo è quello che minaccia la tua libertà personale.

¹⁰ E adesso te lo spiego. Dunque, per desiderio di libertà dobbiamo intendere la tendenza a difendere la propria intimità. E qui veramente il termine “intimità” non rende bene l'idea in quanto generalmente lo si usa per indicare aspetti per i quali si è giustamente riservati, mentre invece la sfera personale, che noi intendiamo difendere è molto più vasta e si estende dalla libertà di azione fino a quella di pensiero.[...] prenderemo in prestito la parola “privacy”, che, più che un sentimento esprime una maniera di vivere e concluderemo dicendo che per desiderio di libertà dobbiamo intendere il desiderio di proteggere la nostra privacy e nel contempo il desiderio di rispettare la privacy degli altri.

viver em meio aos outros e, dito isto, se foi para o topo de uma montanha e não desceu mais. (DE CRESCENZO, 1977, p.57) ¹¹

O professor completa que este radicalismo de Yang-Chu foi posteriormente transformado pelos filósofos Lao-Tse e Ciuang-Tse em um espiritualismo humano. Como a base do discurso da liberdade para o professor é o taoismo, bem menos conhecido por nós, ocidentais, que o cristianismo que norteia as reflexões sobre amor, apresento em anexo um texto básico de ensinamentos taoistas, que lida com a individualidade de forma amorosa, respeitosa e altruísta. Este manual de ensinamentos taoistas, difundido no Brasil pelo portal do budismo, encontra-se semeado pelo mundo, no universo virtual, em várias línguas, como inglês, espanhol, italiano, francês, dentre muitas outras e é na verdade um resumo dos ensinamentos presentes em uma das principais obras da base taoista, o livro *Tao Te Ching*, do filósofo Lao TSE (604 – 531 A.C.). O referido texto encontra-se, em adendo no final deste trabalho e, assim como o próprio *Tao Te Ching* e a essência do gênero aforístico, também possui uma linguagem imperativa, que exorta e que orienta.

Percebemos então que de fato a filosofia e espiritualidade taoista trata da questão da liberdade de uma forma bastante peculiar, uma liberdade que praticamente independe de fatores externos e prioriza o equilíbrio interno e o encontro com o Eu divino, que é sábio, forte e bom. Mais à frente, quando trataremos da questão da filosofia será explícita a relação que a filosofia taoista possui com a corrente filosófica dos ensinamentos de Epicuro.

Nenhum povo consegue ser totalmente amor ou totalmente liberdade, embora tendam mais a um ou a outro segundo o Professor, o próprio Gennaro se declara meio amor e meio liberdade, ponderando que esta seria a postura ideal do ser humano, pois, tanto apoiar a vida exclusivamente no amor como na liberdade podem levar à morte.

Deste capítulo de *Così parlò Bellavista* são extraídos diretamente 5 aforismos para *I pensieri di Bellavista*: os aforismo de número 156, 157 e 158 que discursam a respeito dos grupos que preferem árvore de natal ou presépio; o aforismo de número 114 que relaciona amor, liberdade e condição social e o aforismo 24, que contém o

¹¹ Yang-Chu che fu Il primo filosofo taoista disse: Signori miei, se volete vivere bene, ognuno deve pensare a se stesso ed evitare di vivere in mezzo agli altri e detto questo, se ne andò sopra una montagna e non scese più.

cerne do capítulo:

Todos desejamos seja o amor seja a liberdade, mas quando conseguimos um perdemos o outro.

A única esperança se encontra na metade do caminho e é a amizade. O amigo nos dá afeto sem nos tirar a liberdade. Os amigos, porém, é necessário saber cultivá-los. Mais ou menos como se faz com as plantinhas das varandas: com um telefonema hoje, um filme amanhã, um jantarzinho depois de amanhã. (DE CRESCENZO, 1977, p.11)¹²

Embora apenas um capítulo da obra trate diretamente de amor e liberdade, esta questão se estende aos demais capítulos. No capítulo XV, por exemplo, “*La rosa dei 16 mestieri*”, o professor faz uma apresentação minuciosa sobre tal questão, chegando a apresentar uma representação gráfica com um eixo para o amor e outro para a liberdade. Na representação gráfica do professor, o eixo que representa a liberdade tem em seu polo negativo o poder, ao passo que o polo negativo do eixo do amor contém o ódio. Já foi dito anteriormente que, segundo Bellavista, o ideal do ser humano está na metade do caminho entre o amor e a liberdade, no ponto exato deste meio termo encontraríamos pessoas como Gandhi. Por outro lado, no mesmo gráfico, em sua parte negativa, no ponto exato entre poder e ódio, encontraríamos pessoas como Hitler.

No capítulo XVII, “*Il quarto sesso*”, Don Gennaro segue suas reflexões sobre amor e liberdade considerando a existência de quatro sexos na espécie humana: masculino, feminino, ricos e aqueles que anseiam pelo poder. A ênfase deste capítulo está no que seria o quarto sexo, o poder, e o Professor pondera sobre o porquê de se considerar sexo e poder dentro de uma mesma cúpula. Vejamos alguns breves recortes sobre os raciocínios do Professor sobre a questão:

Na verdade, Salvatò, para aqueles do quarto sexo é exatamente assim: pensando em atingir o poder se excitam, como um de nós do lado de uma bela moça. A única diferença está no fato de que o poder não sacia, na verdade é como uma droga que requer sempre doses maiores. (P.139)¹³

[...] é exatamente assim que eu avalio o poder. Uma libido violenta que lhe prende e lhe domina, uma excitação mais forte que você, que

¹² Tutti vorremmo sia l'amore sia la libertà, ma quando otteniamo il primo perdiamo la seconda. L'unica speranza si trova a metà strada ed è la amizia. L'amico ti dà l'affetto senza toglierti la libertà. Gli amici, però, bisogna saperli coltivare. Un pò come si fa con le piantine che stanno sui balconi: con una telefonata oggi, un film domani e una cenetta dopodomani.

¹³ Infatti Salvatò, per quelli del quarto sesso è proprio così: a pensare di raggiungere il potere si eccitano, come uno di noi vicino di una bella ragazza. L'unica differenza sta nel fatto, il potere non sazia, anzi è come una droga e richiede sempre dosi maggiori.

lhe faz caminhar sobre qualquer sujeira. Uma força que não conhece amizade, senso de honra e piedade para com os mais fracos. (p. 141)¹⁴

Neste capítulo o Professor ainda toca em temas relacionados às ferramentas utilizadas pelos poderosos afim de manter a dominação, apresentando e discorrendo sobre três elementos que alicerçam tais ferramentas: ideais relacionados a Deus, pátria e justiça.

No capítulo XIX, “*L’ideale politico del professore*”, existe uma vasta discussão que relaciona poder, Estado, liberdade e regime político, cujo pano de fundo é qual seria o ideal político do professor. Em um momento em que discutem o engenheiro De Crescenzo e o doutor Palluotto é apresentada ao leitor uma reflexão sobre a função do Estado e as consequências deste Estado na vida das pessoas. O Engenheiro critica o papel e a função do estado, ao passo que o doutor Palluotto apresenta um discurso de proteção à manutenção do estado, argumentando que o estado é fundamental para manutenção da ordem e prevenção da barbárie e do caos. O discurso do doutor Palluotto tem por base os mesmos argumentos utilizados por Hobbes (1992), considerando que o Homem é um ser incapaz de viver socialmente em paz, pois, na verdade, as relações humanas são baseadas em interesses e disputas e, partindo destas relações, lidaremos inevitavelmente com a guerra e com o caos. Tal avaliação da espécie humana legitimaria a existência de um Estado, necessário para a ordem, para a paz e para a justiça. Neste ponto o Engenheiro observa que o estado não garante, jamais, benefícios para a sociedade porque é regido pelos mesmos homens maus que necessitariam dele para o bem social:

(De Crescenzo) “[...] convenhamos que o Estado nasce coercitivo, ou seja, tem como primeiro objetivo a limitação da livre vontade dos seres humanos...”

(Doutor Palluotto) “Sim, mas só para disciplinar os impulsos predadores, ou seja, para evitar que se cometam atos injustos contra os outros.”

(De Crescenzo) “De acordo, mas a partir do momento que a avaliação moral destes atos é confiada ao Estado e que este Estado em todos os casos é constituído daqueles lobos de que falava Hobbes, não

¹⁴ [...] è proprio così che io valuto il potere. Una libidine violenta che ti prende e ti domina. Un’eccitazione più forte di te, che ti fa passare sopra a qualsiasi bassezza. Una forza che non conosce amizia, senso dell’onore, pietà per i deboli.

podemos não ter em grandíssima conta a liberdade individual...” (DE CRESCENZO, 1977, p.151)¹⁵

Para tentar chegar à apresentação de um possível ideal político, Bellavista faz uma observação sobre bens materiais e bens espirituais, alicerçando-se no pensamento do filósofo contemporâneo Bertrand Russel. O Professor explica que os bens materiais e os bens espirituais possuem impulsos correspondentes a estes, impulsos possessivos e impulsos criativos. Os bens materiais seriam aqueles bens finitos em quantidade, como a garrafa de vinho que os amigos estão bebendo, bem que, caso um dos amigos consuma sozinho, deixará todos os demais privados de desfrutá-lo. Ao passo que os bens espirituais seriam aqueles infinitos e tanto maiores quanto mais partilhados. Gennaro cita como exemplo a música de Beethoven, que permite a um desfrutá-la à exaustão sem, no entanto, impedir que outra pessoa desfrute na mesma proporção. Considerando a superioridade dos bens espirituais em relação aos materiais, o professor fecha este ponto da conversa destacando com ênfase a necessidade de todo homem ter suprida a necessidade básica de bens materiais para poder, então, estar disponível aos impulsos criativos advindos do acesso aos bens espirituais.

Bellavista está pressionado pelos amigos para manifestar-se a respeito de seu ideal político, o Professor já havia dito, em tom jocoso, que seu ideal político poderia ser ficar em casa... pensando. No entanto a discussão segue e atinge inevitavelmente observações sobre regime capitalista e regime comunista, os quais igualmente são criticados pelo Professor:

O capitalismo, inventado por um senhor chamado Adam Smith, é um modelo de desenvolvimento baseado na livre concorrência que cria por si próprio duas falhas fundamentais: primeiro, não garante a justiça social, segundo, desvia a humanidade dos bens espirituais. O motor de que se serve o capitalismo para levar adiante o sistema tem como combustível o egoísmo do homem [...] o homem se identifica com sua conta bancária. [...] o homem é obrigado a trabalhar sempre mais para poder comprar aquilo que produziu em excesso. Não existe trégua. Não existe espaço para uma pausa, para a busca de um bem espiritual.

¹⁵ (De Crescenzo) “[...] ci accorgiamo che lo stato nasce coercitivo cioè ha come primo obiettivo la limitazione della libera volontà degli esseri umani...”

(Doutor Palluotto) “Si ma solo per disciplinare gli impulsi predatori, cioè per evitare che si commettano atti ingiusti verso gli altri.”

(De Crescenzo) “D’accordo, ma dal momento che la valutazione morale de questi atti è affidata allo stato e che questo stato in ogni caso è costituito da esseri umani cioè da quei lupi di cui parlava Hobbes, non possiamo non tenere in grandissimo conto la libertà individuale...”

[...] “E vamos ao comunismo” continua destemido o professor Bellavista. “Aqui nos encontramos com um regime que, até agora, para atingir o objetivo para o qual nasceu, a justiça social, teve que recorrer à força, ou seja, à chamada ditadura do proletariado. E como todos os fenômenos de poder absoluto, sejam esses constituídos por um partido político ou por uma companhia industrial, pretende a uniformidade da base. Porque, meus senhores, não nos iludamos, onde reina o poder absoluto não existe o indivíduo e portanto não existe a liberdade.” (DE CRESCENZO, 1977, p.153-154)¹⁶

Para o professor Bellavista um ideal político deve ter como máximo objetivo a individualidade e os governantes não deveriam ver o povo como uma massa uniforme, mas como muitos seres diferentes. Segundo o professor, individualismo significa vida e uniformidade significa morte e ele ressalta que o grande problema é que os governantes sabem que é mais fácil governar à medida em que mais uniforme for a base governada. O Professor finaliza este pensamento concluindo que entende por liberdade principalmente a liberdade de pensamento e, até que se prove o contrário, tal liberdade ele só vê, e em partes, em regimes democráticos parlamentares.

Os amigos concordam de maneira unânime com a necessidade de se combater o capitalismo moderno e com os danos causados pela publicidade em todos os meios de comunicação. A seriedade da conversa vai sendo aos poucos amenizada pelas brincadeiras e o capítulo finda, embora de maneira bastante leve, tratando de um tema sério, que é a ignorância política do eleitor. Tal tema é abordado na voz do personagem Don Saverio, ao relatar aos amigos a maneira como lida com seu voto nas eleições:

Eu, de política, lhes confesso que não entendo absolutamente nada. [...] a dizer a verdade, me sinto como um burro no meio do barulho e acabo sempre por votar para agradar algum amigo. E assim acontece que uma vez eu voto para a direita nacional e outra vez para os

¹⁶ Il capitalismo, inventato da un signori che si chiamava Adamo Smith, è un modello de sviluppo basato sulla libera concorrenza che ascrive al proprio passivo due colpe fondamentali: primo, non garantisce la giustizia sociale, secondo, distoglie l'umanità dai Beni spirituali. Il motore di cui si serve il capitalismo per portare avanti il sistema, usa come carburante l'egoismo dell'uomo [...] l'uomo s'identifica col suo conto bancario. [...] L'uomo è obbligato a produrre sempre di più per poter comprare quello che ha prodotto in eccedenza. Non esiste tregua. Non c'è spazio per una pausa, per la ricerca di un bene spirituale.

[...]

“E veniamo al comunismo” continua imperterrito il professor Bellavista. “Qui ci troviamo di fronte ad un regime che finora per raggiungere l'obiettivo per cui è nato, la giustizia sociale, è dovuto ricorrere alla forza, cioè alla cosiddetta dittatura del proletariato. E come tutti i fenomeni di potere assoluto, siano essi costituiti da un partito politico o da un'azienda industriale, pretende l'uniformità della base. Perché, Signori miei, non ci facciamo illusione, dove regna il potere assoluto non esiste l'individuo e quindi non esiste la libertà.

comunistas. (p.156)¹⁷

Questões sociais são discutidas de maneira abundantes entre o grupo de amigos e no capítulo XXV, “*La delinquenza*”, eles discutem sobre criminalidade, principalmente crimes relacionados a roubo. De início o professor aponta a insalubridade causada pelos obsoletos e maléficos conceitos de ideal que norteiam nossa organização social: fé, amor pela pátria e senso de família. Para Bellavista, tais ideais precisam ser revistos antes de qualquer outra coisa e substituídos por novos ideais, visto que os únicos idealistas que restam na sociedade, no caso italiana, são os comunistas de boa fé e os fanáticos por futebol.

O Professor possui um belíssimo senso de humor, o qual é mais nítido em “*I pensieri di Bellavista*” e, no entanto, breves amostras são oferecidas ao leitor no decorrer desta conversa, quando, por exemplo, o professor, dentre outras sugestões, sugere que para que um pai não corra o risco de ver o filho crescer sem ideais, o inscreva ainda criança em um partido comunista. Don Saverio, também em matiz cômica, questiona, insinuando possíveis inconvenientes decorrentes de tal ação, se, então, teremos filhos comunistas por toda vida. Ao que Bellavista responde:

Acredito que não, não por toda vida. Tem um ditado que diz: Aquele que não é comunista aos vinte anos não tem coração e aquele que é comunista ainda aos quarenta não tem cérebro. (DE CRESCENZO, 1977, p.176)¹⁸

Brincadeiras relacionadas à postura do ser humano em relação aos desejos de revolução e igualdade social estarão muitas vezes presentes em *I pensieri di Bellavista*. Como no aforismo de número quatro onde o Professor propõe um rebatismo dos períodos relacionados ao ciclo vital.

A juventude, a maturidade e a velhice são três períodos da vida que podemos rebatizar “revolução, reflexão e televisão” (DE CRESCENZO, 2005, P.9)

La gioventù, la maturità e la vecchiaia sono ter periodi della vita che

¹⁷ Io di politica vi confesso che non ne capisco proprio niente. [...] a dire la verità quando debbo andare a votare mi sento come um asino in mezzo ai suoni e finisce sempre che voto per fare qualche piacere a un amico. E così succede che una volta voto destra nazionale e un'altra voto comunista.

¹⁸ Non credo, per tutta la vita no. C'è um detto che dice: Chi non è comunista a vent'anni è senza cuore e chi ló è ancora a quaranta è senza testa.

potremmo ribattezzare “rivoluzione, riflessione e televisone.

O consumismo, para o professor, seria a mais importante causa da delinquência, pois é muito difícil para uma pessoa que nasce privada de cultura, de princípios morais e de elementos básicos para a sobrevivência se deparar com a torrente de imagens felizes atribuídas a uma sociedade consumista. Dificilmente tal pessoa se resignará com uma qualidade de vida inferior por ter nascido do lado “errado” (expressão usada pelo Professor) da sociedade e o desejo de desfrutar de determinados bens conduzirá muitas vezes à delinquência. Bellavista defende, ainda, a ideia de que aceita a sugestão de que algumas pessoas já nascem delinquentes, mas que a maioria dos delinquentes são assim por necessidade.

A postura do professor em relação à delinquência e consequentemente à maldade presente no ser humano confronta o pensamento do filósofo Hobbes e se aproxima do pensamento que defende o conceito de que todo ser humano nasce bom e o meio é que o corrompe. Esta última visão, defendida pelo filósofo Rousseau em *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, publicado pela primeira vez em 1755¹⁹, é brevemente tateada pelo poeta Luigino, corroborando a postura do Professor e enfatizando a questão problemática da mídia que tem interesse apenas em realçar as negatividades humanas:

Uma pessoa que lê apenas o jornal acaba por pensar que a raça humana é de fato nojenta: pais que matam filhos, filhos que matam pais! Sequestro de crianças! E, ao contrário, as coisas não estão assim: as pessoas, em média, são mais boas que ruins! Porém os jornais não falam nunca das pessoas boas porque isso não serve como notícia. (DE CRESCENZO, 1977, p.182)²⁰

Gennaro Bellavista, como já vimos antes, é um homem que considera o poder algo maléfico e a propósito de tal tema é dedicado um longo capítulo nesta obra onde nasce o Professor. O capítulo XXVIII “*Neapolitan Power*” trata exclusivamente da relação dos “*partenopei*” com o poder e de acordo com a visão de Gennaro o povo napolitano historicamente possui uma relação de indiferença com o poder, optando por desprender suas energias em atos que visem bens primários, essa é a essência dos

¹⁹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: Coleção Os Pensadores. Nova Cultural. São Paulo/SP. 1989.

²⁰ Uno che legge solo il giornale finisce con il pensare che la razza umana è veramente schifosa: padri che ammazzano figli, figli che ammazzano padri! Sequestri di bambini! E invece le cose non stano così: la gente mediamente è più buona! Solo che i giornali non parlano mai delle persone buone perché queste non fanno notizia.

“partenopei” e conseqüentemente do Professor Bellavista.

Così parlò Bellavista finda-se no vigésimo nono capítulo, onde o narrador opta por encerrar a obra com reflexões sobre o poder e novamente sobre amor e liberdade. Neste breve capítulo final o Professor faz consideráveis ponderações sobre a importância, para se viver bem, de se trilhar o caminho do meio termo em relação a amor e liberdade e de se combater o poder. Para isso seria necessário cada indivíduo fazer uso, na mesma proporção, do coração e do cérebro. Uma bela e concisa reflexão sobre a entidade poder é feita neste capítulo final, cujo recorte a seguir é bastante válido para entender a relação e a visão do professor Gennaro sobre este “quarto sexo”, que é um veneno pronto para brotar de dentro do íntimo de cada um:

Geralmente o poder se impõe: ou de maneira explícita, como no caso de uma ditadura, ou de maneira sutil, ou seja, através dos condicionamentos. Pois bem, ser livre quer dizer estar seguro de estar raciocinando com o próprio cérebro e não deixar-se influenciar pela propaganda. E não é simples! Mas se uma pessoa comesse a desconfiar dos comportamentos em massa... se uma pessoa se recusasse a repetir em coro nos desfiles qualquer slogan de dísticos rimados... se uma pessoa, todas as vezes que estivesse prestes a comprar algo, adotasse o hábito de perguntar-se: “mas eu realmente desejo isso?” ou então: “será que não foi o poder que decidiu que eu devo comprar esta coisa?”... e então talvez conseguisse encontrar a estrada da liberdade.

Mas então quem é esse poder? Alguns pensam que seja o capital, outros pensam que seja os Estados Unidos e claramente ambos erram de dimensão. [...] A verdade é que somos nós mesmos os genitores do poder. Nós mesmos que com o nosso desejo de comandar colocamos no mundo milhares e milhares de moléculas de poder até criarmos um monstro abstrato, imoral e imenso que começa a viver fora de nós. (DE CRESCENZO, 1977, p.222-223)²¹

Don Gennaro Bellavista, a voz que nos fala em *I pensieri di Bellavista*, é acima de tudo um homem que busca viver entre os eixos do amor e da liberdade e que para isso tem um dia da semana reservado quase na totalidade exclusivamente para si e

²¹ Generalmente il potere s'impone: o in maniera vistosa, come nel caso di una dittatura, o in maniera sottile e cioè attraverso i condizionamenti. Ebbene essere libero vuol dire essere sicuro di ragionare con il proprio cervello e di non lasciarsi influenzare dalla propaganda. E non è semplice! Però, se uno cominciasse a diffidare dai comportamenti di massa... se uno si rifiutasse di ripetere in coro nei cortei qualsiasi tipo di slogan a rima baciata... se uno ogni qual volta che sta per comprare qualcosa prendessi l'abitudine di domandarsi: “ma io poi questa cosa veramente la desidero?” oppure: “vuoi vedere che il potere che há deciso che io adesso mi debbo comprare questa cosa?”... e allora forse riuscirebbe pure a trovare la strada della libertà.

Ma poi chi è mai questo potere? Qualcuno pensa che sia il capitale, qualcun'altro l'America e chiaramente entrambi sbagliano di dimensioni. [...] La verità è che siamo proprio noi i genitori del potere. Noi stessi che col nostro desiderio di comandare mettiamo al mondo miliardi e miliardi di molecole di potere fino a creare un mostro astratto, amorale ed immenso che si mette a vivere al di fuori di noi.

desfruta dos demais dias com uma presença bastante marcante do grupo de amigos. Para o professor a ponderação dos fatos é essencial à vida, assim como o conhecimento e o senso crítico e, é claro, a amizade, onde ele constrói suas relações de amor e liberdade, onde ele vivencia a felicidade.

Esta parte deste capítulo, intitulada “Don Gennaro Bell avista”, possui então o intento de apresentar a essência do Professor Bellavista e debruça-se apenas sobre os capítulos ímpares, onde acontecem as conversas entre o grupo de amigos. Como dito no início deste capítulo, os capítulos pares são constituídos de pequenas crônicas, as quais estão ou não relacionadas às ponderações sucedidas nos capítulos anteriores. Muitas das crônicas cuidam apenas de mostrar a inviabilidade de nossa organização social de forma cômica, como, por exemplo, a crônica que constrói o capítulo II “*Il bello adormentato*”, que conta a estória de um sem teto que usa o carro de um desconhecido como local de pouso sem que o proprietário perceba, até o dia em que o dono do carro precisa sair no meio da noite e encontra o belo adormecido pernoitando em seu automóvel e constroem a partir daí uma certa relação de amizade. Ou curiosidades polêmicas como a discussão onde um taxista insiste que o passageiro deve se responsabilizar por uma multa que sofrera por excesso de velocidade no capítulo IV; o caso cômico de um pai de família que trabalha como cantor em um restaurante, “apresentando-se” em silêncio para não perturbar os clientes e que na verdade não sabe tocar ou cantar no capítulo XVIII. Enfim, por não estarem diretamente relacionados à personalidade ou apresentação de Don Gennaro, os capítulos pares não foram aqui abordados.

II

A leveza que vem da Sátira, da Ironia e do Humor

A advertência é o objeto absoluto dos gêneros textuais em que se insere o aforismo, como, por exemplo, o provérbio, o dito popular, a máxima. Esta advertência pode dar-se através de um deboche satírico, de um enunciado irônico, de uma admoestação direta, de uma metáfora ou outro tipo de comparação, de um convite a uma reflexão filosófica, enfim, seja qual for o caminho escolhido para que ocorra a concretização da advertência, de uma maneira geral, este caminho não assume o compromisso de criar eufemismos ou de atenuar a mensagem, o que muitas vezes pode resultar em um constrangimento para o receptor da comunicação.

O aforismo, como todo texto do gênero, precisa ser rápido, precisa transmitir um pensamento, se fazer entender em poucas palavras e por isso é comum que possuam uma essência densa. Alguns aforismos, ou provérbios populares se utilizam, inclusive, de recursos como a zoomorfização do interlocutor, o que gera um efeito grotesco no enunciado e finda por atingir o destinatário da mensagem de maneira ofensiva. Consideremos alguns enunciados do gênero que se referem a situações diversas do cotidiano, como por exemplo, quando se almeja advertir um interlocutor intrometido, pretendendo deixar claro que cada pessoa deve administrar exclusivamente assuntos relacionados a si próprio, respeitando assuntos e questões alheias, é muito comum ouvirmos “Cada macaco no seu galho” ou “sapo de fora não chia”. Muito comum também é ouvir em situações que se comenta sobre ameaças, xingamentos e ofensas verbais de um sujeito enfurecido que “cão que ladra não morde”, ou ainda, na mesma situação, visando zombar e desmerecer a suposta intrepidez do esbravejador, ouvir-se que “o cão não ladra por valentia e sim por medo”.

Um dos mais famosos ditados populares do Brasil, para transmitir a ideia de que é a partir de pequenos elementos que se constrói um todo diz que é “de grão em grão que a galinha enche o papo”. Tão famoso nacionalmente quanto o dito popular anterior e que chama a atenção para o devido cuidado a se ter diante de situações que apresentam perigos conhecidos e concretos diz que “em rio que tem piranha jacaré nada de costas” e neste caso, além da zoomorfização temos uma forte referência sexual implícita, o que aumenta ainda mais o tom grotesco. É bastante comum também ouvirmos que “gato escaldado tem medo de água fria” quando se refere em tom de

zombaria à precaução de alguém diante de uma situação perigosa que já o afetou.

Muitos aforismos e textos afins, mesmo que não sejam tocados pelo grotesco, ou não possuam elementos degradantes ao receptor da mensagem, podem ser puramente objetivos e desprovidos, então, da beleza e do requinte possíveis à linguagem literária. Como, por exemplo, o famoso ditado que se refere à questão causa x efeito presente nas ações humanas, enfatizando que o mal que se faz a alguém tende a retornar ao mau feitor ao dizer que “quem com ferro fere, com ferro será ferido”. Advertências bastante cruas e desadornadas são comuns no universo dos ditos: “pouco se aprende com a vitória, mas muito com a derrota”, “a persistência realiza o impossível”, “os professores abrem a porta, mas você deve entrar por você mesmo”, “o primeiro passo para a cura é saber qual é a doença”, “segure um verdadeiro amigo com ambas as mãos” são amostras do quão objetivo e distante da arte literária este gênero textual pode ser. Os aforismos e textos do gênero, muito frequentemente se valem de metáforas e comparações diversas que também não garantem elegância, leveza e toque poético ao texto. Observemos brevemente alguns enunciados que trabalham com ramificações da comparação: ao pretender-se exortar para o perigo de se abandonar ou substituir uma situação ou elemento já conhecidos por situações ou elementos novos e desconhecidos podemos utilizar a expressão “Não jogue fora o balde velho até que você saiba se o novo segura água”. O enunciado “melhor curvar-se do que se quebrar” garante uma boa metáfora que transmite eficientemente a mensagem de que a humildade pode livrar o homem de tragédias fatais. Ao se advertir alguém de que não convém romper relações, dos mais variados tipos, finalizando-as com brigas e tensões pois, pode ser necessário um regresso a este elemento ou situação que se abandona, o dito “nunca bata uma porta, você pode querer voltar” traduz perfeitamente a ideia almejada. Tais enunciados, ainda que eficientes e desprovidos de componentes grosseiros deixam a desejar quando se refere à beleza da arte.

Assim, é bastante comum a deselegância, o grotesco e a simples objetividade manifestarem-se neste gênero textual breve e de advertência sob várias formas ainda, afinal, este tipo de texto precisa ser denso para gerar o impacto necessário para transmissão da mensagem. E é precisamente neste ponto que se manifesta a grandeza dos aforismos de Gennaro Bellavista que, como veremos no desenvolvimento deste capítulo, constrói aforismos eficientes, dotados de leveza, graça e humor utilizando-se de elementos como a sátira, a ironia, o humor e reflexões filosóficas.

Sátira

Os aforismos do Professor Bellavista, assim como a essência satírica, objetivam, no mínimo, apresentar um outro ponto de vista a determinada situação. Os aforismos desta obra, em grande parte, são absolutos nos requisitos necessários para se pensar a sátira: ataque agressivo, norma e forma indireta. (GERTH, 1977)

Embora amenizados pelo humor, os aforismos de *I Pensieri di Bellavista* são agressivos ao não pouparem o leitor do confronto desconcertante e humilhante com a estupidez individual e coletiva do ser humano. Por sua vez, a norma, então, é representada pela nossa própria organização social e valores norteadores, questões que são abordadas quase sempre pelo avesso, de forma irônica, levando o leitor de forma indireta à reflexão sobre determinada questão.

A sátira possui a característica de proporcionar uma reflexão sobre determinado tema relacionando-se criticamente com a realidade, atuando como, nas palavras de Gottsched, uma poesia de punição moral e, ainda, segundo afirmação de Schiller, contrapondo a realidade ao ideal de realidade (GERTH, 1977). Essa atmosfera crítica acompanhada de uma filosofia “carpe diem” e epicurista merecem atenção na obra de De Crescenzo, uma vez que seu conteúdo propõe reflexões sobre nossa organização social e acabam por sugerir, através da simples lógica, possibilidades melhores de viver. Nas últimas décadas temos presenciado uma considerável elevação no índice de expectativa de vida do ser humano e, considerando que a morte é um dos nossos maiores medos, tal fato é muito bem recebido por nós, no entanto, mesmo com uma boa perspectiva de longevidade, estamos longe de atingir o objetivo maior da humanidade, a felicidade. Considero, então, bastante propício um dos primeiros aforismos de *I Pensieri di Bellavista* para uma reflexão introdutória:

3 - Muitos estudam como alongar a vida, quando, ao contrário, seria necessário alargá-la. (DE CRESCENZO, 2005, p.9)

3 - Molti studiano come allungare la vita quando invece bisognerebbe allargarla.

Preocupar-se em alargar a vida ao invés de alongá-la, tal pensamento coloca o leitor em xeque ao ter explicitado, de forma cômica, perante seus olhos, que a longevidade não é sinônimo de felicidade. Através deste jogo de ideias é perfeitamente possível o despertar da ponderação, por parte do leitor, sobre o “alargar” a vida e a conclusão inevitável de que viver com intensidade, praticando e buscando elementos lhe

deem satisfação e prazer, no mínimo, pode ser mais interessante do que simplesmente ter uma vida longa. Bastante interessante e, por que não, fascinante é a subjetividade presente neste pensamento do Professor Bellavista, que deixa aberto ao leitor para aplicar ao pensamento a sua própria perspectiva do que seria uma vida “larga”.

A sátira pode servir como elemento de ataque à estupidez humana e pode também transcender à individualidade, atacando contradições e falsos valores coletivos presentes quase que na totalidade da sociedade, atacando não o desvio de uma única norma, mas um sistema interino de normas (GERTH, 1977). Dentre as ramificações da norma em *I pensieri di Bellavista*, encontramos um tema que pode ser muito bem considerado com uma mazela social, um falso valor coletivo: a relação do homem com o dinheiro. Considerando que direcionamos nossas vidas direta ou indiretamente em função de conseguir dinheiro, é imprescindível aqui que dediquemos uma ligeira atenção a este tema. Vejamos alguns pensamentos do Professor Bellavista pertinentes à questão:

112 - Em Nápoles, quando ficaram sabendo que eu era rico, não me cobraram mais a conta nos restaurantes. (DE CRESCENZO, 2005, p.20)

112 - A Napoli, quando hanno saputo che sono ricco, non mi fanno più pagare nei ristoranti.

Neste pensamento ocorre um ataque agressivo à contradição e a um falso valor. A contradição presente é tão absurda que acaba funcionando como um dos elementos geradores de humor no aforismo, já que não é nada coerente deixar de cobrar a conta de uma pessoa por ela ser rica, o mais coerente seria deixar de cobrar de quem não tem dinheiro. Tal consideração leva diretamente ao segundo foco do ataque da sátira, o falso valor, que no caso é representado pela relação de interesses que conduz à bajulação do poder. Embora o conteúdo deste aforismo seja de natureza séria, tratando de características vergonhosas da sociedade e da essência humana, presenciamos uma amenização do peso da reflexão pela leveza com que o aforismo fora construído, a partir da narrativa brevíssima de um simples fato. Esse peso também é amenizado pelo cômico, gerado a partir do paradoxo presente na narrativa.

68 - Para que serve o dinheiro no final das contas? Para ser internado em uma clínica ao invés de em um hospital e comprar toda morfina que quiser. (DE CRESCENZO, 2005, p.14)

68 - A cosa servono, alla fine, i soldi? A essere ricoverati in clinica invece che in ospedale e a comprare tutta la morfina che ti serve.

114 - Certa vez, em uma viagem de trem, havia a terceira a classe. Os bancos eram de madeira, duros e desconfortáveis, mas eram os únicos vagões onde era possível iniciar uma conversa com um desconhecido. (DE CRESCENZO, 2005p.19)

114. Una volta sui treni c'era la terza classe. Aveva i sedili di legno, duri e scomodi, ma erano anche gli unici vagoni dove era possibile iniziare una conversazione con uno sconosciuto.

Opto por agrupar aqui esses dois aforismos porque em ambos os casos a norma descrita aponta a expectativa que temos em relação ao dinheiro e também em ambos os casos a norma prescrita aponta uma insatisfação em relação a essa expectativa e deixa aberta uma reflexão tenaz e inquietante. O aforismo 68, que tem uma essência cômica, trata com certa ironia da questão da utilidade do dinheiro e, mais uma vez, temos a seriedade do tema amenizada pelo cômico. A moral desse aforismo desvela a desilusão de um eu lírico que narra a partir da perspectiva de quem já viveu uma vida inteira e confirmou na prática que o dinheiro não correspondeu às suas expectativas, o que leva consequentemente à confirmação de que não valeu a pena “gastar” a vida em função de conseguir dinheiro. A conclusão é cômica devido ao recurso do deboche utilizado e também da redução do objeto da sátira que acaba por reduzir a função do dinheiro à compra de morfina. Já no aforismo 114, embora a norma seja relativamente semelhante à norma do 68, não contamos com o recurso do cômico e a moral crua deixa aberta a meditação a respeito da solidão do indivíduo, que apresenta-se maior, de acordo com a condição econômica.

Finalizando as considerações que têm como norma a relação homem-dinheiro, proponho o aforismo 113:

113 - O meu verdadeiro problema não é tanto a falta de dinheiro, quanto a falta de desejos.(DE CRESCENZO, 2005, p.19)

113 - Il mio vero problema non è tanto la mancanza dei soldi, quanto la mancanza dei desideri.

Considerando que o objeto do ataque satírico é geralmente o homem racional, lúcido de seus conceitos (HODGART, 1969) e tido socialmente como saudável psicologicamente, o desmascaramento causado pela sátira é impactante ao apresentar um avesso da realidade até então inquestionável. A grande farsa, norma descrita no aforismo 113,

consiste na concepção consciente, ou não, de que o dinheiro pode satisfazer, se não todos, grande parte dos anseios humanos e o impacto acontece quando o avesso apresentado sugere a possibilidade da ausência de desejos.

Segundo Hodgart, o tema perene da sátira consiste na própria condição humana; e nem mesmo a parte mais bem intencionada da sociedade, que considera, ou um dia considerou, uma militância por um bem coletivo escapa à sátira de De Crescenzo. Valendo-se do cômico, o Professor Bellavista desnuda o processo decadente que assola o ser humano no campo ideológico com o passar do tempo. Consideremos novamente o aforismo citado no capítulo anterior.

4 - A juventude, a maturidade e a velhice são três períodos da vida que poderíamos rebatizar “revolução, reflexão e televisão”. Se começa querendo mudar o mundo se acaba mudando de canal. (DE CRESCENZO, 2005, p.9)

4 - La gioventù, la maturità e la vecchiaia sono tre periodi della vita che potremmo ribattezzare ‘rivoluzione, riflessione e televisione’. Si comincia col voler cambiare Il mondo e si finisce col cambiare i canali.

Neste aforismo é reluzente a característica satírica paradoxal de atacar o desagradável de modo agradável ao leitor (GERTH, 1977). Fator interessante aqui é que a norma, que pode ser descrita e/ou prescrita em uma sátira, neste caso é apenas descrita, a decadência ideológica. Não há, então, uma prescrição, uma realidade ideal a ser contraposta à realidade existente. O que fica latente na moral é apenas a inquietação gerada pelo desmascaramento.

Hodgart afirma que a sátira sempre deseja modificar a realidade ou desencadear um processo de conhecimento e o processo pelo qual se busca essa tentativa ou desencadeamento é sempre de forma indireta. Essa forma indireta pode ser alcançada através da amenização da mensagem com recursos do cômico ou através de um contexto ficcional. Na sátira presente nos pensamentos do Professor Bellavista, na grande maioria das vezes, a forma indireta é obtida através do cômico. Após uma breve análise da obra, concluímos que o Professor é já um homem em idade avançada e quando o tema abordado é o sexo, ou a relação do ser humano com o sexo, as reflexões partem da perspectiva de um homem experiente e maduro que obtém o efeito do cômico através do deboche dedicado às questões sexuais em um mundo onde é cada vez mais forte o apelo sexual nas mídias de comunicação e o sexo direciona boa parte das atitudes do Homem. Vejamos o aforismo seguinte, onde a norma descrita pode ser

entendida como “as relações sexuais”, ou melhor, a importância elevada que atribuímos ao sexo e a forma indireta obtida aqui é um belo exemplo do uso do recurso do cômico visando a forma indireta de ataque:

69 - Dizia Lord Chesterfield: “Não convém fazer sexo: A fadiga é muita, o gozo é breve e a posição é ridícula.” (DE CRESCENZO, 2005, p.16)

69 - Diceva Lord Chesterfield: “Non conviene fare sesso: la fatica è tanta, Il godimento è breve e la posizione è ridicola.”

Ainda dentro da temática sexo, cito um outro pensamento do professor que bem exemplifica a forma indireta obtida pelo cômico proveniente do deboche, onde o satírico reduz a importância do sexo ao relatar que já não se lembra mais o porquê dele ainda se interessar por mulheres:

67 - Eu ainda gosto de mulheres, mas não me recordo mais o porquê. (DE CRESCENZO, 2005, p.15)

67 – Le donne mi piacciono ancora, ma non mi ricordo più il perché.

Como foi dito anteriormente, a forma indireta do ataque ao objeto da sátira pode ser também obtida pela criação de uma situação fictícia, consideremos, então, o aforismo 171 para tal observação:

171 - Se nos tempos de Jesus existisse a cadeira elétrica, hoje em cima das igrejas, ao invés de uma cruz, existiria uma cadeira de metal e as mulheres passeariam com uma cadeirinha dependurada no pescoço. (DE CRESCENZO, 2005, p.26)

171 - Se ai tempi di Gesù fosse esistita la sedia elettrica, oggi in cima alle chiese, invece della Croce, ci sarebbe una sedia di metallo e Le donne andrebbero in giro com una sediolina al collo.

Este pensamento cumpre o papel da sátira de atacar os absurdos imperceptíveis de uma sociedade, como por exemplo, determinado grupo religioso que tem por ensinamento maior o amor ter como símbolo e logotipo um objeto de tortura. No entanto, como a cruz não é um objeto de tortura utilizado contemporaneamente, o eu lírico sugere um cenário fictício substituindo a cruz por um objeto de tortura que faça sentido nos dias atuais, a cadeira elétrica. A partir, então, da criação deste cenário fictício, obtém-se o efeito de ataque ao absurdo pretendido pela sátira de forma indireta.

Muitos são os recursos utilizados pelo satírico que objetiva gerar o efeito cômico ou gerar prazer ao leitor e um desses mais belos recursos, principalmente em se tratando de aforismos, é o elemento surpresa, que conclui o pensamento com desfechos completamente inesperados. Este recurso é bastante utilizado por De Crescenzo. No

decorrer de *I pensieri di Bellavista*, conforme vamos conhecendo o Professor, obtemos algumas informações importantes para a compreensão da essência do livro, percebemos, por exemplo, que o Professor Bellavista é um homem agnóstico, que considera tão absurdo afirmar como negar a existência de Deus. Percebemos também que o Professor não se preocupa muito com o pós morte e inclusive condena escritores que produzem textos em vida esperando que estes sejam publicados postumamente. De acordo com os pensamentos de Don Gennaro existe uma preocupação excessiva por parte do Homem com o que se sucede após a morte e essa preocupação não se restringe apenas ao plano espiritual, mas também, e em igual teor, com a permanência daquele que morreu entre os vivos. A vaidade humana faz com que os homens busquem ser lembrados e eternizados após a morte. Bem, utilizando-se do elemento surpresa na conclusão do raciocínio, o Professor Bellavista faz uma ponderação bastante interessante sobre este tema ao apontar, irônica e debochadamente, é claro, a frase que gostaria que fosse colocada sobre sua lápide, manifestando assim desprezo e assinalando a irrelevância da imagem humana que se pretende geralmente querer perpetuar após a morte, inclusive esta preocupação segue até o limite possível da existência, que é a escrita do epitáfio:

78 - Sobre a minha lápide eu gostaria que viesse escrita a seguinte frase: “Eu disse para vocês que não me sentia muito bem.” (DE CRESCENZO, 2005,p.16)

78 - Sulla mia lapide vorrei Che venisse scritta la seguente frase: “ve lo avevo detto che mi sentivo poco bene.

A sátira é dotada de vários elementos que podem constituir nela a beleza, seja através do cômico, seja através do desmascaramento, seja através de um final inusitado ou através de jogos de palavras e ideias. Todas estas variantes podemos encontrar nos aforismos de *I pensieri di Bellavista* e Luciano De Crescenzo surpreende também com a leveza com que consegue tratar temas dolorosos como a solidão do indivíduo e é com um aforismo absoluto desta leveza que conclui esta breve observação sobre a sátira presente nos pensamentos do Professor Bellavista, pensamento inclusive ao qual retornaremos em breve ao observarmos a relação sátira-ironia.

2 - Somos anjos com uma única asa e podemos voar apenas permanecendo abraçados. (DE CRESCENZO, 2005, p.9)

2 - Siamo angeli con un'ala soltanto e possiamo volare solo restando abbracciati.

Da sátira para a ironia

Como anunciado na introdução desta dissertação, a linha que divide a sátira da ironia é demasiadamente frágil, visto que ambos os recursos linguísticos têm a função de conduzir a uma catarse, de gerar uma repreensão e de acusar uma postura tola, equivocada ou incoerente. Uma finalidade bastante exclusiva da ironia, que pode, portanto, distingui-la da sátira, é a sugestão, o não dito presente na fala irônica que toma muitas vezes a posição central frente ao dito.

Assim, a ironia presente na obra de De Crescenzo também não se prende simplesmente ao significado oposto do que se diz, muito pelo contrário, essa face da ironia é praticamente inexistente na obra, a ironia aqui presente está, então, em sua maior atuação, no que ficou por dizer, no complemento da fala, no não dito, nas possibilidades inferidas. Logo, a ironia que tratamos transcende à simples ambiguidade, pois a ironia em si é muito mais ampla, a ironia possui tentáculos, ramificações e possibilidades numerosas. (Hutcheon, 2000)

Um outro fator presente nesta reflexão e que também é de caráter decisivo para pensarmos sátira x ironia se refere ao fato de que a sátira, a partir do momento em que o eu lírico/narrador participa do enunciado também como objeto satirizado, a então sátira pode passar a ser considerada dentro dos espectros da ironia. Em parte dos aforismos de *I pensieri di Bellavista* o Professor encontra-se distante do objeto satirizado, superior a ele e, no entanto, em outra grande parte o Professor faz parte desse objeto, visto que o objeto da sátira muitas vezes é a própria essência humana. Inserido então no grupo repreendido, o discurso do professor soa agradável e sereno e a repreensão ecoa como aquela que uma avó faz a seu neto, doce, cúmplice e compreensiva. Sob a perspectiva de André Jolles

A sátira é a zombaria dirigida ao objeto que se repreende, que se reprova ou que nos é estranho. Recusamo-nos a ter algo em comum com o objeto dessa reprovação; opomo-nos a ele rudemente, por conseguinte, desfazemo-lo sem simpatia nem compaixão. A ironia, por sua vez, troça do que repreende, mas sem opor-se-lhe, manifestando antes simpatia, compreensão e espírito de participação. Por isso é que ela se caracteriza pelo sentido de solidariedade. O trocista tem em comum com o objeto de sua troça o fato de ser afetado por aquilo de que zomba; ele próprio o conhece, mas reconhecendo a sua insuficiência e mostra-o a quem não parece conhecê-lo. [...] Sente-se, na ironia, um pouco da intimidade e da familiaridade entre o

superior e o inferior. É justamente nessa solidariedade que reside o imenso valor pedagógico da ironia.

[...]

O azedume da sátira visa o seu objeto, o azedume da ironia resume-se a encontrar em nós o que censuramos em outrem. A sátira destrói, a ironia ensina. (JOLLES, 1976, p. 211-212)

Assim como a sátira, a ironia ataca indiretamente, porém com a diferença, também, de ser envolta de fundamentos elegantes, o que conduz o enunciado a uma relativa leveza. Sendo assim, nos aforismos do Professor, a sátira transmuta-se em ironia em vários momentos, a partir de quando passa a conter leveza, deixa possíveis sugestões e inclui o eu lírico/narrador incorporado ao objeto satirizado, portanto:

O uso comum confunde amiúde sátira e ironia. Isso nada tem de surpreendente, pois algumas obras primas artísticas principiam como sátira para acabar em ironia; depois de julgar-se primeiro diante do objeto de sua zombaria, depois de ter alimentado a esperança de o desfazer sem compaixão, o poeta acaba por perceber até que ponto está próximo do objeto de sua zombaria, até que ponto com seus golpes atingem a si mesmo. (JOLLES, 1976, p. 212)

Pois bem, retornemos então ao aforismo de número 2, com o qual finalizamos as reflexões objetivas sobre a sátira. O aforismo em questão diz que somos anjos com uma única asa e que, portanto, só podemos voar se permanecermos abraçados. Podemos neste aforismo identificar elementos que constituiriam a sátira: 1- o ataque agressivo, que aqui afronta o fato de vivermos quase que isolados, sem, ou com escassas, relações verdadeiras de amor e amizade, contrariando a nossa natureza (ou ideal de nossa natureza) de seres coletivos ; 2- a norma é então representada pela nossa condição de sermos seres ligados uns aos outros e, por fim, a forma indireta, que se faz através de uma metáfora que nos compara a anjos. Temos aqui todos os requisitos básicos para considerarmos então a sátira no aforismo e no entanto são também nítidos os elementos que conduzem a sátira para os trilhos da ironia. Neste pensamento podemos encontrar a sutileza na mensagem, a leveza provocada pela metáfora que nos compara a anjos; o eu lírico se insere no objeto advertido ao dizer que somos, todos, anjos com uma única asa e por fim podemos identificar sem grandes esforços a sugestão, o não dito que brota da reflexão sobre o que seria necessário para concretizarmos o abraçar o nosso semelhante e alçarmos voo.

A ironia presente em *I pensieri di Bellavista* atua, quase que na totalidade, com o intuito de chamar a atenção para uma melhor maneira de viver e este chamado

concentra-se muitas vezes no convite à atenção para com o momento presente, considerando que a vida acontece no momento presente, é o pensamento “*carpe diem*” pulsante da filosofia do Professor. É bastante comum o espírito humano se deparar com a máxima “eu era feliz e não sabia”, o que significa que em determinado momento tinha-se as condições perfeitas para se desfrutar da felicidade e esta passou despercebida. Por outro lado o homem se organiza hoje em função de atingir determinada situação ou, ainda pior, conseguir determinadas posses que lhe assegurarão uma suposta felicidade no futuro, vivendo um presente que não proporciona prazer ou felicidade. A caminhada humana, então, acaba por se estruturar sobre um passado distante que nos desperta nostalgias ou gera reflexões penosas sobre possibilidades não vividas e sobre a expectativa de um futuro, futuro que sempre se espera e que teoricamente guarda o aconchego nos braços da felicidade e o momento presente que é o único que existe, de fato, acaba sendo bem menos observado que os inexistentes passado e futuro.

O aforismo de número três, que condensa o absoluto desta obra de De Crescenzo, chama a atenção para a importância de se alargar a vida ao invés de alongá-la e a primeira atitude a se tomar para a construção desse processo de alargamento é exatamente atentar-se ao momento presente e é no encaixe deste processo que chegamos à observação da ironia que constrói o aforismo 38 e que representa praticamente todo o sentido irônico presente nesse objeto de pesquisa, onde o elemento recebedor da crítica representa a essência humana.

38 - Para os alpinistas a felicidade não está tanto no cume quanto na escalada. Caso contrário pegariam um helicóptero. (DE CRESCENZO, 2005, p.38)

38 - Per gli alpinisti la felicità non sta tanto nella vetta quanto nella scalata. Altrimenti prenderebbero l'elicottero.

Podemos claramente neste aforismo identificar os elementos que o caracterizariam também como sátira e a sua transição para a ironia. A norma representada aqui pela relação do ser humano com o tempo presente é atacada violentamente perante a geração da catarse que denuncia que o Homem vive em função de um fim, desconsiderando o meio e que, desta maneira, seria mais coerente “pegar um helicóptero”, saltar diretamente do nascimento para a morte. A agressividade desta revelação é tamanha que desperta instantaneamente a reflexão sobre a possibilidade de se estar desperdiçando o momento presente, desperdiçando a vida. A metáfora que compara a vida à escalada de um alpinista se encarrega de construir a forma indireta, completando os elementos

necessários para que tenhamos um enunciado satírico.

No entanto, assim como no aforismo de número 2 citado anteriormente, é nítida a leveza característica da ironia, leveza gerada pela imagem do alpinista que, inclusive, ajuda a construir a imagem da liberdade que falta ao ser humano. A imagem de alguém escalando uma montanha gera no leitor, ainda que inconscientemente, a sensação de superação de obstáculos, de rompimento de barreiras, de caminho para a libertação interior e de conexão com a terra e consigo mesmo. A quantidade de tentáculos que brota deste raciocínio chega a ser infinita, considerando que cada leitor cria para si possibilidades diferentes de um melhor viver no momento presente e, fechando os elementos que conduzem a passagem da sátira para a ironia, temos o fato de que o objeto da crítica é novamente a própria condição humana, a nossa organização pessoal e coletiva, dentro da qual está inserida também a voz que nos fala no aforismo, o enunciador se inclui dentro da unidade criticada.

Humor

Segundo Georges Minois, o século XX foi o século do riso, momento em que o ser humano encontrou no riso uma forma de driblar os absurdos e tragédias:

[...] esse século, que custou para morrer, encontrou no riso a força para zombar de seus males, que não foram apenas males de espírito: guerras mundiais, genocídios, crises econômicas, fome, pobreza, desemprego, integrismo, terrorismo, proliferação de pardieiros, ameaças atômicas, degradações ao meio ambiente, ódios nacionalistas... Entretanto, de ponta a ponta, uma longa gargalhada ressoou. [...] O mundo riu de tudo, dos deuses, dos demônios e, sobretudo, de si mesmo. O riso foi o ópio do século XX, de Dadá aos Monty Pythons. Essa droga permitiu à humanidade sobreviver a suas vergonhas. [...] O mundo deve rir para camuflar a perda de sentido. (MINOIS, 2003, p. 553-554)

O riso a que nos conduz os pensamentos de Don Gennaro está profundamente mergulhado neste espectro humorístico a que se refere Minois. O professor Bellavista nos faz rir do nosso anseio por uma vida longa da qual não sabemos usufruir, como podemos ver, por exemplo no aforismo de número 3:

Muitos estudam como alongar a vida quando, ao contrário, seria interessante alargá-la. (DE CRESCENZO, 2005, p.9)

Molti studiano come allungare la vita quando invece bisognerebbe

allargarla.

Nos coloca a rir da nossa fraqueza, da nossa hipocrisia, da nossa cessão às convenções sociais no momento em que sugere que

4 - A juventude, a maturidade e a velhice são três períodos da vida que poderíamos rebatizar “revolução, reflexão e televisão”.

Se começa querendo mudar o mundo e termina mudando de canal. (DE CRESCENZO, 2005,p.9)

4- La gioventù, la maturità e la vecchiaia sono tre periodi della vita che potremmo ribattezzare ‘rivoluzione, riflessione e televisione’.

Si comincia col voler cambiare Il mondo e si finisce col cambiare i canali.

evidenciando a queda e a morte de valores que um dia nos foram os mais nobres e, então, de nossos impulsos políticos revolucionários.

O Professor consegue fazer com que o leitor ria da relação desacertada que os seres humanos possuímos com o sexo ao afirmar, em deboche, que

69 - Dizia Lord Chesterfield: Não convém fazer sexo: A fadiga é muita, o gozo é breve e a posição é ridícula. (DE CRESCENZO, 2005,p.16)

69 - Diceva Lord Chesterfield: ‘Non conviene fare sesso: la fatica è tanta, Il godimento è breve e la posizione è ridicola.

ou ainda, em tom de enfado e indiferença, além do deboche, comentando o kamasutra:

18 – Dentre todas as posições do Kamasutra a melhor é o sexo em grupo. Coloca-se em um cantinho e querendo pode até dormir. (DE CRESCENZO, 2005, p.11)

18 – Fra tutte le posizioni del Kamasutra la migliore è l’amore di gruppo. Ci si mette in un angolino e volendo si può anche dormire.

19 – E sempre falando de Kamasutra, a chamada *de quatro* (o homem às costas da mulher) é de se considerar a posição ideal: é a única, de fato, que permite a ambos os parceiros ver televisão. (DE CRESCENZO, 2005, p.11)

19 – E sempre parlando di Kamasutra, la cosiddetta *pecorina* (l’uomo alle spalle della donna) è da considerarsi la posizione ideale: è l’unica, infatti, che consente a entrambi i partner di vedere la televisione.

Enfim, são vários os temas que constroem a nossa existência que são motivos de riso a partir da observação do Professor, que chama a atenção para o nosso caos e confusão interior e no cerne desse caos que provoca o riso está, apresentado no decorrer da obra sob diferentes nuances, o fato de não sabermos conduzir nossas vidas de forma que

alcancemos a felicidade, advertindo em seus aforismos para uma maior e verdadeira presença na vida, como no aforismo 38:

38 - Para os alpinistas a felicidade não está tanto no cume quanto na escalada. Caso contrário pegariam um helicóptero. (DE CRESCENZO, 2005, p.12)

38 – Per gli alpinista la felicità non stà tanto nella vetta quanto nella scalata. Altrimenti prenderebbero l'elicottero.

Seja através de uma abordagem satírica, seja através de uma abordagem irônica, grande parte dos aforismos do Professor contêm uma essência humorística, ou seja, como o próprio autor nos fala na introdução de *I pensieri di Bellavista*, essas pílulas agridoces, os aforismos, colocam o leitor a rir enquanto refletem sobre o pensamento apresentado. O riso surge, então, da revelação gerada no pensamento presente no aforismo, pensamento que expõe um absurdo ou um erro até então despercebido, sobre o qual o leitor se encontra alicerçado. Uma definição de riso proposta por Vladímir Propp corrobora a essência humorística presente nas reflexões de Don Gennaro “[...] o riso é a punição que nos dá a natureza por um defeito qualquer oculto ao homem, defeito que se nos revela repentinamente;” (Propp, 1992, p.44). Ainda sobre o mesmo propósito, mais à frente Propp faz a seguinte afirmação:

[...] o riso surge no momento em que a ignorância oculta se manifesta repentinamente nas palavras ou nas ações do tolo, isto é, torna-se evidente para todos, encontrando sua expressão em formas perceptíveis sensorialmente[...] (Propp, 1992, p.108).

É exatamente através desta revelação repentina e estrondosa da ignorância e da tolice humana que surge o riso nos aforismos do Professor que são tocados pelo cômico. O leitor experimenta uma epifania que desnuda o erro sobre o qual se apoia e percebe, ainda, que a humanidade, geralmente, também se apoia em tais ações precipitadas e ao ter revelado perante si o absurdo comungado pelo coletivo se pega rindo, ainda que humilhado, exercendo o papel do tolo no raciocínio apresentado.

Para pensarmos esse tipo de humor, consideremos novamente o aforismo de número 3, que concentra e traduz o tipo de humor ao qual nos referimos: “3. Muitos estudam como alongar a vida quando, ao contrário, seria interessante alargá-la.” (DE CRESCENZO, 2005, p.9), onde, através de um período irônico, faz-se exposta uma tolice coletiva sobre a qual não se havia refletido. Após a reflexão gerada pelo pensamento, a norma prescrita, a maior relevância de se alargar a vida perante o alongá-

la, torna-se óbvia e tão óbvia que faz rir pelo fato de não se haver, ainda, questionado tal posicionamento pueril e tolo.

Tanto o humor, quanto a ironia e a sátira, atuam, então, de maneira determinante para que os aforismos de Don Gennaro sejam plenos de beleza, arte e delicadeza. Tais elementos atenuam o constrangimento do receptor da mensagem e abolem possíveis grosserias comuns ao gênero. Além destes elementos, os aforismos do Professor são também fortemente tocados pela filosofia, o que conduz frequentemente à reflexão profunda e reavaliação de posturas e conceitos. As questões inerentes aos aspectos filosóficos são tratadas mais detalhadamente no capítulo seguinte.

III

A filosofia

Epicurismo, taoismo e “*carpe diem*”

Não pretendo aqui neste trabalho literário um aprofundamento técnico na área da filosofia, intenciono, antes, enumerar os elementos básicos que, para Epicuro, conduzem ao desígnio almejado pela filosofia, a felicidade, e refletir sobre a presença desses elementos no discurso do professor Gennaro Bellavista. Logo, a base filosófica para os estudos desse capítulo é o pensamento epicurista. Ao adentrarmos no campo da esfera filosófica que envolve *I pensieri di Bellavista*, no caso a filosofia de Epicuro e pensamentos afins, como o posicionamento *carpe diem* e a filosofia taoista, é concernente uma breve reflexão sobre os equívocos relacionados a tal posicionamento filosófico. Atualmente é bastante comum pessoas que priorizam em suas vidas elementos como a luxúria, mesa farta, acumulação de objetos, consumismo, ócio vazio e comportamentos do gênero serem denominadas ou autodenominadas de epicuristas, no entanto essa é uma concepção bastante equivocada, e, para ser mais preciso, o epicurismo é exatamente o oposto de tais posturas. O prazer, objeto central na busca pela felicidade na doutrina de Epicuro, se materializa principalmente na ausência de sofrimento e não em regozijos excessivos acessíveis no exterior do ser.

III – *A intensidade suprema dos prazeres é a máxima redução de todas as dores.* O mais delicado alimento de nada nos serviria se não matasse a nossa fome. O prazer que seu refinamento nos proporciona será sempre menor do que a supressão do sofrimento que nos causava o estômago vazio. Quem está morrendo de sede prefere sem hesitar um copo de água fresca a um gole do mais precioso licor. (MORAES, 1941. p. 65)

Quanto à origem de Epicuro encontramos algumas divergências relacionadas ao local de nascimento do filósofo. Epicuro nasceu provavelmente em 342 ou 341 A.C e algumas fontes sugerem que ele teria nascido na Grécia, em Atenas, aldeia de Gargetus e foi levado ainda criança para Samos, ilha grega próxima ao continente asiático. Outra possibilidade é que seus pais tenham partido para Samos ainda antes de seu nascimento e Epicuro teria, então, nascido já em Samos. Considera-se que Epicuro tenha escrito mais de 300 livros, dos quais pouca coisa se preservou para a atualidade, na verdade, fragmentos de suas obras

O que temos de Epicuro são três cartas e um punhado de frases. É verdade que quanto mais acuradamente estas são estudadas, mais claro se percebe que são expressões de um sistema firmemente articulado.” (FARRINGTON, 1967. P. 34)

e sua filosofia espalhou-se basicamente pelos seus discípulos.(MORAES,1941).

Muito mais do que uma escola filosófica, a doutrina epicurista se construiu a partir da convivência entre amigos, filósofos, principalmente no chamado Jardim de Epicuro, local humilde que servia de morada ao filósofo e de recanto de convivência entre os companheiros. Não é por menos que “seu principal pensamento era o de que uma sociedade feliz deve basear-se na amizade” (Farrington, 1967. P 13). Epicuro defendia a ideia de que amigos deveriam conviver o máximo possível, em uma relação que vá além de encontros breves e fortuitos.

Embora o Professor Bellavista se declare como sendo um homem meio amor e meio liberdade, dando-se então o direito a relativos momentos de solidão, como, por exemplo, o dia da semana que reserva exclusivamente para si e passa quase que o dia todo na banheira, a sua forma de viver e se relacionar com os amigos está muito relacionada a essa postura epicurista que considera a amizade como um dos elementos básicos para que o ser humano atinja a felicidade. Mesmo o fato do relativo isolamento semanal do Professor interatua com a filosofia epicurista, como veremos mais adiante ao refletirmos sobre o tripé básico para a felicidade proposto por Epicuro. Don Gennaro atua, então, dentro das possibilidades oferecidas pela sociedade moderna, como um verdadeiro discípulo de Epicuro, partindo da estreita relação de amizade que exerce com seus amigos. Uma confirmação contundente desta postura dá-se no fato de que já no aforismo de número dois, citado no capítulo anterior, Bellavista trata da questão das relações humanas, afirmando que somos anjos dotados de uma única asa e só podemos, portanto, alçar voo se permanecermos abraçados. Tanto a convivência intensa do Professor com seus amigos, quanto a criação do Jardim de Epicuro têm por fim o desenvolvimento da amizade, da evolução da essência individual, da busca e prática da justiça e, é claro, da caminhada para a felicidade.

O excerto seguinte, extraído da obra de Farrington, apresenta um extrato da relevância da amizade dentro da doutrina epicurista. Algumas abreviações são usadas no período para se referirem aos textos de Epicuro, portanto entenda-se “TM” como Epístola a Meneceu, “DP” como Doutrinas Principais e “FV” como Fragmentos Vaticano:

Para Epicuro, meditando sobre os mesmos problemas, os

mandamentos são reduzidos a um, “Crede na imortalidade e na bem-aventurança dos deuses, pois esta é a imagem de deus gravada na mente de todo Homem.” (TM,123) A bem-aventurança, o atributo da natureza imortal, é sinônimo do amor ou da amizade. “De todas as coisas boas que a sabedoria provê para uma existência de bem-aventurança, a principal é a aquisição da amizade.” (DP, XXLVIII.) Aqui a amizade é chamada imortal porque é o modo de vida dos deuses, ao passo que a sabedoria é apenas o caminho pelo qual os mortais podem descobrir a bem-aventurança da amizade. Então a conclusão de toda a questão: “meditai sobre essas coisas dia e noite, tanto sozinhos como com alguém que se vos assemelhe, e vivereis como um deus entre os homens. Pois um homem que vive entre bênçãos imortais não é como um homem mortal.” (TM, 125) Essa religião da amizade tinha suas raízes na idealização corrente da vida primitiva, vista não como uma forma de selvajaria, mas como um estado de civilização compatível com a verdadeira natureza do homem. (FARRINGTON, 1967. Pg 39-40)

Para Epicuro a amizade simbolizava algo essencial para se alcançar a felicidade, chegando a ser colocada em um patamar divino, representando assim o mais importante dos elementos necessários ao homem e para o professor Bellavista não é diferente, são muitos os seus aforismos que discorrem sobre o valor das relações humanas. A filosofia epicurista considera a amizade como a melhor prática de justiça, uma justiça que independa de leis e instituições governamentais, onde prevalecem o bom senso e a atenção para não se ferir o próximo. Considerando a atmosfera espiritual em que Epicuro situa a amizade, o Professor apresenta uma reflexão sobre as relações humanas bastante concernente à espiritualidade ocidental, acrescentando um décimo primeiro mandamento aos mandamentos judaico-cristãos:

75 – Décimo primeiro mandamento: Coloque-se sempre no lugar do outro. (DE CRESCENZO, 2005, p.16)

75 – Undécimo mandamento: Mettiti sempre nei panni di chi ti sta di fronte.

O exercício de se colocar no lugar do outro assume uma postura chave na prática da justiça, considerando a dificuldade que tem o ser humano de ponderar situações fora das próprias perspectivas. Muitos conflitos e injustiças podem ser evitados a partir do momento em que, ao menos, se tenta analisar uma situação, de fato, tentando entendê-la, não como expectador, mas como um possível vivenciador de tal episódio, considerando o contexto, o sofrimento, a diferença, a subjetividade e, assim, tornar-se, no mínimo, mais paciente e compreensivo. Sair de si para considerar uma situação é uma das formas de trabalhar o ego doentio. No aforismo 119 Don Gennaro apresenta um sucinto pensamento, no qual adverte sobre o ego.

¹¹⁹ - Muitos dos meus amigos quando falam, dizem sempre a palavra “Eu”. Estão todos sujeitos à hipertrofia do ego. (DE CRESCENZO, 2005, p.20)

119 – Molti miei amici quando parlano dicono spesso la parola ‘Io’.
Sono tutti soggetti *all’ipertrofia dell’ego*.

É também válido relembrar que as questões do ego e do julgamento são bastante citadas nos ensinamentos taoistas, como se pode verificar no capítulo que trata do nascimento do Professor, ensinamentos que sustentam a busca pela liberdade pessoal (considerando que para Bellavista o ideal da constituição do ser humano é metade amor e metade liberdade). O colocar-se no lugar do outro assume, então, nas sugestões de melhores formas de se viver, buscando a amizade e praticando a justiça, um papel crucial que dialoga diretamente com a base da filosofia de Epicuro.

A filosofia e/ou espiritualidade taoista, atuando aqui como um elemento afim aos pensamentos de Epicuro, dialoga em vários momentos com a filosofia epicurista e com os pensamentos do Professor. A ação de colocar-se no lugar do outro remete a um posicionamento direto com o ato de refletir, no sentido de reflexão de imagem, projetando-se e recebendo na mesma proporção. Don Gennaro, no aforismo de número 156, faz um belo jogo de ideias e palavras a tal propósito:

156 - Também os espelhos, dizia Cocteau, antes de refletir deveriam refletir. (DE CRESCENZO, 2005, p.25)

156 – Anche gli specchi, diceva Cocteau, prima di riflettere dovrebbero riflettere.

No quarto e quinto parágrafos do texto básico de ensinamentos taoistas encontramos sugestões sobre o ato de refletir, como um espelho, que complementam e completam esta observação sobre o colocar-se no lugar do outro, com o objetivo de desenvolver a amizade e a justiça:

Aprenda a ser como o universo, escutando e refletindo a energia sem emoções densas e sem preconceitos. Porque, sendo como um espelho, com o poder mental tranquilo e em silêncio, sem lhe dar oportunidade de se impor com as suas opiniões pessoais, e evitando reações emocionais excessivas, tem oportunidade de uma comunicação sincera e fluida. (TAO... 2015)

A arte de relacionar-se é uma tarefa, no mínimo, bastante difícil e conseqüentemente o desenvolvimento da amizade também não é nada fácil. A questão da imposição de pontos de vista objetivos, da necessidade que o ego tem de sempre

saber, ou fingir que sabe (o nono parágrafo do texto básico de ensinamentos taoistas trata, também, da questão da necessidade que tem o ego de “saber” a respeito de tudo), enfim, a projeção da afirmação do ego através das tentativas de afirmação e imposição de si muito dificultam a prática da amizade e da justiça. Com a objetividade e a clareza características da narrativa do Professor, o aforismo 140 faz uma belíssima sugestão a respeito deste exercício de se construir melhores relações:

140 - O ponto de interrogação é o símbolo do bem. O ponto de exclamação é o símbolo do mal. (DE CRESCENZO, 2005, p.23)

140 – Il punto interrogativo è il simbolo del bene. Il punto esclamativo è il simbolo del male.

A amizade não se constrói com a ausência do amor, e amar inclui este exercício de que temos falado de colocar-se no lugar do outro, estar aberto às perspectivas alheias sem julgamento e sem preconceito. Amar consiste em transgredir as barreiras da individualidade e experimentar-se como parte de um todo. A própria, neste caso mais aprofundada, espiritualidade taoista trata da questão da individualidade como uma ilusão, pois toda matéria e todo espírito fariam parte de um único organismo. No aforismo de número 200, Don Gennaro, fazendo uma brincadeira com pronomes pessoais, apresenta com delicadeza uma reflexão sobre esta unidade que brota do amor:

200 - Eu não sou você e você não é eu. Porém, todos os dois somos nós. (DE CRESCENZO, 2005, p.28)

200 – Io non sono te e tu non sei me. Però tutti i due siamo noi.

O *Tao Te Ching*, que é tido por muitos estudiosos como o principal elemento da filosofia taoista, em muitos dos seus oitenta e um capítulos trata da questão da unidade em diferentes situações, o capítulo 39 pondera esta unidade tão presente na filosofia do professor Bellavista:

Poema 39
Toda diversidade se baseia na unidade
Toda a pluralidade radica na unidade
E esses dois são um em si.
O céu é puro porque é uno.
A terra é firme porque é uma.
As potências espirituais são ativas
Porque são unidade.
Tudo o que é poderoso assim é
Porque é sua unidade.
Tudo o que é vivo assim é
Graças à sua unidade.
Os soberanos são modelos
Somente quando preservam sua unidade.
Tudo se realiza pela unidade.

Sem ela, os céus se partiriam,
E a firmeza da terra pereceria.
Sem a atuação da unidade
Falhariam as potências espirituais.
Sem a sua plenitude,
Acabaria tudo em vacuidade.
A fecundidade acabaria
Em total esterilidade.
Sem o poder da unidade,
Pereceria tudo que é vivo.
E os soberanos ruiriam no pó.[...] (TSÉ, 2010, p.103)

É oportuno considerar também que um segundo livro que juntamente com *Tao Te Ching* constituiria o alicerce taoista é todo estruturado sobre a unidade, a qual é apresentada a partir do conceito *Ying Yang*, que, em uma descrição bastante resumida, apresenta tudo que existe constituído por dois polos, não em conceito de bom e ruim, mas de ativo e passivo. Tais polos, segundo esta filosofia, não são permanentes e ciclicamente alternam de um ponto a outro, transformando-se constantemente um no outro, formando a unidade.

O amor, elemento primordial na construção da unidade pelo Professor, acaba por atuar como alicerce da amizade e da justiça. No aforismo de número 283 o professor Bellavista vale-se de uma situação aparentemente banal para apresentar uma reflexão sobre os benefícios provindos do amor e da amizade.

283 - Quando se vai almoçar com um amigo, está tudo bem se nenhum dos dois fala. (DE CRESCENZO, 2005, p.36)

283 – Se vai a pranzo con un amico, stai bene anche se nessuno dei due parla.

Detalhes sutis são capazes de alterar a qualidade de vida, um silêncio constrangedor ao lado de uma pessoa pouco conhecida pode tirar, por exemplo, o prazer e a plenitude que proporcionaria uma refeição. Este aforismo conduz o leitor, ainda, à ponderação sobre o agradável silêncio de acolhimento e cumplicidade que só se experimenta em relações amparadas pelo amor e pela amizade. O aforismo de número 279, valendo-se de objetividade chama a atenção nesse sentido, advertindo para os prejuízos da ausência do amor e da amizade.

279 - Você será triste se permanecer sozinho. (Ovidio) (DE CRESCENZO, 2005, p.35)

279 – *Tristis eris si solus eris*. ‘Triste sarai se solo resterai’. (Ovidio)

São merecedoras de atenção as maneiras sugeridas nos aforismos de Don Genaro para se relacionar no dia a dia construindo relações de amizade. Após breves reflexões

pós leitura dos pensamentos, é possível perceber que são detalhes do cotidiano que constroem as boas relações e que um gesto de delicadeza e carinho rende, no mínimo, o mesmo gesto retribuído na mesma proporção. Bellavista usa, no aforismo de número 10, o elemento sorriso para tratar de relevantes singelezas no exercício das boas relações:

10 - Na vida para cada sorriso que você poupa, tem pelo menos um sorriso que você perde. (DE CRESCENZO, 2005, p.10)

10 - Nella vita per ogni sorriso che ti risparmi c'è almeno um sorriso che ti perdi.

Bastante interessante é também a relação que este pensamento possui com os ensinamentos taoistas no que diz respeito ao reflexo dos gestos e das posturas. O sorriso, como qualquer outra coisa, também gera reflexos e volta à sua origem. Este pensamento acaba atuando como um convite a ser aquele que toma a iniciativa de dar um sorriso. Um convite a atuar ativamente na construção da amizade, elemento tão primordial para a felicidade.

Combater os falsos valores, para a filosofia num geral e consideravelmente para a filosofia de Epicuro, é algo extremamente necessário para o crescimento pessoal que conduz, por sua vez, à felicidade. O professor chama a atenção para um falso valor que distancia o Homem das relações de amizade. No aforismo de número 354 Bellavista apresenta a seguinte meditação:

354 - Criam a solidão e a chamam de paz. (Tacito) (DE CRESCENZO, 2005, p.42)

354 – *Solitudinem faciunt, pacem appellant.* ‘Creano la solitudine e la chiamano pace.’ (Tacito)

Tal pensamento é bastante cabível aos modos modernos de se viver. A paz, assim como a felicidade, é um elemento que falta ao homem e, no entanto, não se sabe bem como atingi-la e, por vários motivos, acaba o ser humano se isolando de seus semelhantes na tentativa vã de encontrar a paz. O grande problema, considerando a filosofia de Epicuro e os ensinamentos básicos taoistas, é que a paz, assim como a felicidade, vem de dentro do ser e não de fatores externos. A busca pela paz fora de si conduz, então, a equívocos como a solidão. Para efeito de discursar a respeito da globalidade deste tema, corroborar a questão levantada por Bellavista e trazer rapidamente esta reflexão dentro da Literatura Brasileira, cito pertinentemente um aforismo de Drummond:

A arquitetura diverte-se projetando construções para esconder os homens uns dos outros.” (ANDRADE, 1990, p.13)

É bastante considerável a reflexão sobre tal na obra de Drummond, afinal de contas as construções modernas, no intuito de tornarem-se seguras, acabam se transformando em prisões, onde o detento interna-se voluntária e despercebidamente, distanciando-se cada vez mais de seu semelhante e da amizade, em uma busca errante pela paz que conduz à solidão.

A amizade representa, então, o primeiro item necessário ao acesso à felicidade. A amizade representa, ainda, a melhor maneira de se praticar a justiça, segundo a filosofia de Epicuro e os raciocínios do Professor. A tal propósito, concluo as ponderações sobre este elemento básico à evolução humana, com um aforismo apresentado pelo Professor que, tocando em uma unidade espiritual, o pecado, sintetiza uma ideia que apresenta um valioso ensinamento, tanto no que diz respeito a lidar com culpas oriundas de religiosidades quanto no que diz respeito ao relacionar-se com justiça perante a sociedade:

11 - Dizia Lorenzo Valla (1407-1457): “Os sete pecados capitais não existem, o único pecado possível é aquele de fazer algum mal a alguém.” (DE CRESCENZO, 2005, p.10)

11 – Diceva Lorenzo Valla (1407-1457): ‘I seti peccati capitali non esistono. L’unico peccato possibile è quello di fare del male a qualcuno.’

Tendo resolvida a questão da relevância da amizade e da prática da justiça para ter na felicidade uma tenaz e sempiterna amante, o Homem precisaria, calcado nos eixos epicuristas, partir então para a resolução de questões internas e, por conseguinte, o segundo elemento com que se relacionar na busca pela felicidade é a análise, em si, da própria vida e uma profunda reflexão sobre os desejos e os prazeres, temas bastante tratados na carta a Menequeu. Esse conjunto representa para Epicuro

[O Bem supremo]

Quando dizemos que o prazer é a meta, não nos referimos aos prazeres dos depravados e dos bêbados, como imaginam os que desconhecem nosso pensamento ou nos combatem ou nos compreendem mal, e sim à ausência de dor psíquica e à ataraxia da alma. Não são com efeito as bebedeiras e as festas ininterruptas, nem o prazer que proporcionam os adolescentes e as mulheres, nem comer peixe e tudo mais que uma rica mesa pode oferecer que constituem a fonte de uma vida feliz, mas aquela sóbria reflexão que examina a fundo as causas de toda escolha e de toda recusa e que rejeita as falsas opiniões, responsáveis pelas grandes perturbações que se apoderam da alma. Princípio de tudo isso e bem supremo é a prudência. Por isso, ela é mais digna de estima que a própria filosofia. (Moraes, 1941. Pg 93)

Para o Professor Bellavista uma boa maneira para exercitar essa análise era

permitir-se um dia quase todo só para si na banheira. Tal costume Bellavista apresenta também em *I pensieri di Bellavista*, nos aforismos 176 a 179, onde ele apresenta alguns raciocínios sobre esse exercício. No aforismo 176, por exemplo, ele afirma que a banheira seria o lugar ideal para isso.

176 - Se esiste um lugar feito para o propósito de pensar, este lugar é a banheira. Basta imergir-se no escuro por dez minutos e os pensamentos chegam sozinhos. (DE CRESCENZO, 2005, p.26)

176 – Se c'è un luogo fatto apposta per pensare, questo è la vasca da bagno. Basta immergersi al buio per dieci minuti e i pensieri arrivano da solo.

O Professor ressalta ainda, no aforismo seguinte, a importância do entregar-se a esse momento, isolado de qualquer coisa que possa proporcionar distração e dispondo de tempo para a prática.

176 - Quando se está na banheira é obrigatório o silêncio. Portanto nada de rádio, tv ou outros barulhos do gênero. Quem quer tomar banho com pressa (ou consumir menos água) use o chuveiro. (DE CRESCENZO, 2005, p.26)

176 - Quando si sta nella vasca da bagno è obbligatorio il silenzio. Quindi niente radio, tivù e altri rumori del genere. Chi vuole lavarsi in fretta (o consumare meno acqua) si faccia la doccia.

Para Epicuro, o Homem, para bem conhecer-se, precisava também conhecer as ciências naturais, a paz de espírito supõe o conhecimento. Don Gennaro apresenta na segunda parte de *I pensieri di Bellavista*, alguns pensamentos incisivos a respeito da busca pelo conhecimento através da leitura:

336 - É importante ter estudado. (DE CRESCENZO, 2005, p.41)

336 - *Oportet studuisse*. 'È importante aver studiato.'

Neste aforismo Don Gennaro apenas exorta para a importância do estudo, sem aprofundamento na questão, no entanto, no aforismo seguinte apresenta-se a ideia de que um ócio sem leitura é equiparado à morte.

337 - O ócio sem a leitura e a escrita é similar à morte. (Seneca) (DE CRESCENZO, 2005, p.41)

337 – *Otium sine litteris mors est*. 'L'ozio senza la lettura e la scrittura è simile alla morte (Seneca)

Afim de afirmar a importância da leitura e valendo-se de um exagero, que finda por gerar humor, o aforismo 360 chega a dizer que se deve temer um homem que tenha lido um único livro.

43 - Temo o homem que tenha lido um único livro. (São Tomás de Aquino) (DE CRESCENZO, 2005, P.43)

360 – *Timeo hominem unis libri*. ‘Temo l’uomo che ha letto um sollo libro’. (San Tommaso d’Aquino)

O Professor Bellavista chama também a atenção para a vantagem de a leitura ser o passatempo mais econômico e menos perigoso que existe, onde, a não ser que a casa caia sobre a cabeça do leitor, não se corre risco nenhum.

101 - Dentre todos os passatempos a leitura é o mais econômico e o menos perigoso. Ler um livro na cama não comporta nenhum risco. Desde que a casa não desmorone. (DE CRESCENZO, 2005, p.19)

101 – Fra tutti i passatempi la lettura è il più economico e il meno pericoloso. Leggere um libro a letto, non comporta alcun rischio. A meno che non crolli la casa.

O conhecimento e o autoconhecimento representam, então, componentes fundamentais para uma vida forte e saudável. O conhecer e o conhecer-se formariam o quê, para Epicuro, seria uma vida bem pensada e, como temos percebido até o momento, aforismos do professor Bellavista frequentemente chamam a atenção do leitor para a importância e o prazer da leitura e do conhecimento. Da mesma forma que o conhecimento é necessário e é atingido através da leitura, dos estudos, das conversas entre amigos, também é necessário o autoconhecimento, o qual é atingido através da meditação e reflexão.

Também para o taoismo a questão do autoconhecimento é fundamental, primordial para uma vida equilibrada:

Poema 33

Sapiência suprema

Inteligente é quem outros conhece;
Sapiente é quem se conhece a si mesmo.
Forte é quem vence os outros;
Poderoso é quem domina a si mesmo.[...]

A felicidade é o bem maior almejado pela filosofia e cada filósofo traça em sua doutrina os elementos necessários para alcançá-la. Na obra e doutrina de Epicuro fica evidente que ele considerava fundamental para a felicidade do Homem, em um relato sucinto, a amizade, o conhecimento, que inclui também o autoconhecimento e, por fim, a liberdade. Apoiado sobre este tripé o homem teria, assim, as chaves que abrem os limiares da felicidade.

A liberdade, tema bastante abordado por Don Gennaro, é representada por Epicuro sob algumas subdivisões. O próprio conhecimento e autoconhecimento já proporcionam e representam a primeira manifestação de liberdade, a liberdade da mente e do espírito. Num segundo momento o homem deveria libertar-se das grandes cidades e consequente libertando-se, através do afastamento, das diretrizes governamentais, postura que condiz com os ensinamentos de Lao Tsé no *Tao Te Ching*. A partir daí dever-se-ia alcançar a liberdade da autossuficiência, da autossustentação, um homem não é feliz se não for capaz de prover pela sua manutenção física. (FARRINGTON, 1967) Há que se considerar que a subsistência para o pensamento epicurista dispensa excessos. No que diz respeito, por exemplo, ao alimentar-se, o prazer provém do não sofrimento causado pela fome e não de uma variedade abundante de alimentos. Sendo assim, um homem não deve escravizar-se em um trabalho, pagando com sua própria vida por razões que não lhe proporcionem a felicidade.

É necessário aproveitar o dia! A relação que os pensamentos do professor exerce com a dinâmica do pensamento “*carpe diem*” faz-se presente praticamente a todo momento no corpo da obra. O ensinamento presente no “*carpe diem*” é objetivo, aproveite o dia! Seja esse aproveitamento visando prazeres provenientes, por exemplo, de relações de amizade e diversão, ou seja através da obtenção da ausência de sofrimento advinda de qualquer atitude que conduza ao amadurecimento do ser, seja através do auto conhecimento, seja através do conhecimento adquirido através das infinitas formas possíveis de estudo e leituras.

A poesia de De Crescenzo está, assim, bastante íntima da filosofia epicurista, do pensamento *carpe diem* e da espiritualidade taoista. Nas duas obras em que está presente o Professor Don Gennaro Bellavista presenciamos o pensamento de um eu lírico e de um povo que valoriza a beleza do simples, do resguardar-se para reflexão, da amizade, do viver cada dia com entusiasmo, presença e paixão, buscando a força necessária para viver dentro de si. Essas características todas acabam por fim por definir, a partir da perspectiva de De Crescenzo, o povo napolitano, que, em padrões europeus, é um povo pobre, porém forte, sábio e feliz. A filosofia do povo napolitano, da qual De Crescenzo fala no prefácio desta obra aqui analisada, é resultado das questões culturais e econômicas que envolvem os “*partenopei*” e da relação que este povo do sul italiano tem com os setentrionais do país.

Filosofia do povo napolitano

Questões sociais e econômicas históricas apresentam uma certa divisão entre norte e sul da Itália. O norte italiano, onde está localizada a cidade de Milão, é uma região bastante desenvolvida e industrializada enquanto o sul, território onde se encontra Nápoles, não apresenta um desenvolvimento industrial equivalente e é mais agrícola. Tanto que nos anos sessenta e setenta houve uma forte migração de sulistas para o norte em busca de trabalho nas indústrias. Esse fato contribui significativamente para o fortalecimento do preconceito que os sulistas recebem por parte dos moradores do norte da Itália. No entanto, as divergências entre sul e norte datam de tempos e fatos bem mais remotos, como as guerras que resultaram na unificação da Itália em 1861 (ainda sem a incorporação de Veneza e Roma ao Estado italiano, Veneza viria a ser incorporada em 1866 e Roma em 1870).

Os Napolitanos, sulistas, sofrem até os dias atuais uma série de preconceitos e discriminações por parte dos Milanese, nortistas. Seria como se essas duas cidades (duas das maiores e mais populosas cidades italianas) representassem sul e norte e suas respectivas rixas e divergências.

Como a base econômica do sul, historicamente, sempre esteve mais ligada à agricultura, à terra, os nortistas têm usado há séculos a expressão “*terrone*” para se referir aos sulistas, provavelmente pela relação com a terra. No entanto, com o passar do tempo, esta expressão foi tornando-se cada vez mais de cunho pejorativo, onde uma série de adjetivos depreciativos estão agregados ao termo. Hoje em dia é uma grande ofensa se referir a um morador do sul da Itália por “*terrone*”. Sempre em sentido depreciativo e discriminatório a expressão carrega as máculas de uma pessoa sem bons hábitos de higiene, com baixo nível de reflexão mental e ignorante culturalmente. Como o nível de desemprego é maior no sul que norte, os sulistas são tidos preconceituosamente por pessoas desinteressadas pelo trabalho e o termo “*terrone*”, então, também carrega o pesado sentido de vagabundo. Traz ainda o significado de sujeito grosseiro, sem modos, rude e que se veste demasiadamente mal. O termo está, ainda relacionado à esfera linguística, Nápoles, além de tudo, possui um forte dialeto próprio, muito vivo nos dias atuais, o qual se funde à língua italiana falada no local, tal fato faz com que o termo “*terrone*” também carregue consigo o significado pejorativo de pessoa que se comunica mal, que não sabe falar. O termo também, em âmbitos físicos, designa uma pessoa de estatura inferior e pele mais escura.

Nos dias atuais, o preconceito que os sulistas da Itália recebem por parte dos

nortistas é muito visível, por exemplo, no futebol. Tanto a cidade de Nápoles quanto a cidade de Milão possuem times profissionais na divisão de elite do futebol italiano. Nápoles, representada pelo “*Società Sportiva Calcio Napoli*” ou simplesmente “*Napoli*” e Milão, representada pelo “*FC Internazionale Milano*” ou simplesmente “*Inter*”, retratam um dos maiores clássicos do futebol italiano. Os dois times neste momento (Novembro de 2017), inclusive, disputam diretamente pela liderança do Campeonato Italiano.

Assim como os brasileiros, os italianos também possuem uma relação de bastante afinidade com o futebol. Ironizando a falta de amor nas relações humanas, Don Gennaro apresenta a estreita relação dos italianos com o futebol, ironizando também o fato de o “*Napoli*” encontrar-se na série “C” do Campeonato italiano no momento em que escrevia o aforismo.²²

70 - A paixão pelo futebol é a única forma de amor eterno que existe no mundo, quem é torcedor de um determinado time o será por toda sua vida. Poderá trocar a mulher, a amante e o partido político, mas nunca o time do coração. Um torcedor do *Lazio* nunca se transformará em um torcedor do *Roma* e um torcedor do *Milan* nunca se transformará em um torcedor do *Inter*. Eu, infelizmente, enquanto torcedor do *Napoli*, estou condenado a segui-lo onde quer que seja, mesmo na série C. (DE CRESCENZO, 2005, p.15)

70 - Quella di calcio è l'única forma di amore eterno che esiste al mondo. Chi è tifoso di una squadra lo resterà per tutta la vita. Potrà cambiare moglie, amante e partito politico, ma mai la squadra del cuore. Un laziale non diventerà mai un romanista e un milanista non diventerà mai un interista. Io, purtroppo, inquanto tifoso del Napoli, sono condannato a seguirlo ovunque, anche in serie C.

Vários registros audiovisuais²³ mostram os coros cantados pelas torcidas dos times do norte nos eventos esportivos em que o “*Napoli*” enfrenta uma equipe de futebol nortista, os quais sempre têm por objetivo depreciar os napolitanos. No território da cidade de Nápoles se encontra um dos maiores vulcões em atividade no mundo, o

²² Devido a uma forte crise econômica o Napoli foi à falência em 2004 e quando resurge, inclusive com algumas alterações no nome do clube, passando a chamar-se Napoli Soccer, na temporada de 2005/2006, o time teve de recomeçar pela terceira divisão do campeonato profissional do futebol italiano, a série C. Após duas temporadas o time “*partenopeo*” volta à divisão de elite do futebol italiano. No ano de 2006 também recebe de volta seu antigo nome, “*Società sportiva Calcio Napoli*.”

²³ https://www.youtube.com/watch?v=0NmjPHhJt_Y

<https://www.youtube.com/watch?v=tKXleubzfLE>

<https://www.youtube.com/watch?v=LnalnxeetrM>

Vesúvio²⁴, que já causou no passado a destruição de cidades inteiras, um coro famoso entre as torcidas grita para que o vulcão queime a cidade de Nápoles. “*Lavali, lavali, lavali col fuoco! Oh Vesuvio! Lavali, col fuoco!*” O refrão que diz “Lave-os, lave-os, lave-os com fogo! Oh Vesúvio! Lave-os com fogo!” muito ofende os sulistas napolitanos, que, além de se sentirem desrespeitados pessoalmente, também sentem o desrespeito por toda a história e tragédia ocorrida aos antigos habitantes da região. Não apenas a torcida do “*Inter*”, mas também é bastante comum várias torcidas de times do norte proferirem tal grito. O termo “*napoletano*”, inclusive, pode ser usado no norte para depreciar uma pessoa, assim, é comum também torcidas de times do norte cantarem refrãos que pronunciam “*Noi non siamo napoletani*” (nós não somos napolitanos) e “*napoletano di merda*” dentre vários outros.

Devido a essa situação de preconceito sob a qual os napolitanos estão inseridos há séculos, eles desenvolveram a ironia como forma de defesa perante os insultos nortistas e se declaram um povo muito orgulhoso de suas raízes e de serem quem eles são, mesmo mais pobres que os nortistas eles se confessam um povo forte e feliz, que sabe rir mesmo diante de dificuldades. Dentre os elementos que os napolitanos elencam de sua grandeza podemos citar alguns: são os criadores de um dos pratos mais famosos mundialmente, a pizza; Nápoles é berço de artistas como Enrico Caruso; possuem em sua terra o vulcão mais famoso do mundo; as colunas da praça São Pedro em Roma são obra de um artista Napolitano, Gian Lorenzo Bernini; Nápoles inaugurou a primeira linha férrea da Itália; se orgulham de terem tido no time de futebol que representa a cidade um dos maiores jogadores de futebol da história mundial, o argentino Diego Maradona; possuem três encantadores castelos famosos mundialmente, o “*Castello Nuovo, o Castello dell’ovo e o Castello Sant’Elmo*”; se orgulham de terem tesouros culturais como a cidade subterrânea de Nápoles e o sítio arqueológico da antiga cidade de Pompeia; cantores mundialmente famosos como Elvis Presley e Frank Sinatra cantaram canções napolitanas; se orgulham do fato de a UNESCO haver declarado o

²⁴ O vulcão Vesúvio está localizado no golfo de Nápoles a uma pequena distância de apenas nove quilômetros da cidade. Bem próximo do litoral, o cume do Vesúvio chega a 1.281 metros de altitude. O Vesúvio é considerado pelos estudiosos um vulcão adormecido e não um vulcão extinto, sua erupção mais famosa ocorreu no ano de 79 D.C, devastando as então cidades Romanas de Pompeia e Herculano. Estima-se que a cidade de Pompeia tivesse por volta de 20.000 habitantes na época e que a cidade de Herculano teria por volta de 4.000, é estimado que 16.000 pessoas desse total tenham morrido na ocasião. Em 1944 o Vesúvio entrou em erupção pela última vez, e possui a área vulcânica mais populosa do planeta, por volta de 3 milhões de habitantes.

dialeto napolitano uma língua; possuem em seu litoral praias de beleza incontestável e, dentre tantos outros motivos de orgulho, se declaram cultos, simpáticos, alegres, felizes, fortes e apaixonados.

Assim como no Brasil os nordestinos são frequentemente vítimas de preconceito por localização geográfica, na Itália o sul representa o grupo social que sofre discriminação. Como dito anteriormente, uma das formas de lidar com esse preconceito é tratando-o com deboche e ironia. Um dos aforismos do Professor faz uma brincadeira com esta questão do preconceito que sofrem os sulistas italianos,

115 - A não ser que você seja um esquimó, se é sempre do sul em relação a alguém. (DE CRESCENZO, 2005, pg. 20)

115 – A meno di non essere schimesi, si è sempre meridionale di qualcuno.

confirmando a característica napolitana de lidar em gracejos perante situações ofensivas. Pode-se dizer que para o napolitano a melhor maneira de lidar com uma ofensa é não recebê-la, não levá-la a sério.

É bastante comum os napolitanos, por sua vez, colocarem em descrédito, zombaria e desmerecimento aquilo que seja referência e tradição dos nortistas. Assim como a tentativa frágil de retribuir a alcunha “*terrone*”, chamando os habitantes de Milão de “*polentone*” em uma referência à polenta, prato tradicional e apreciado no norte que para os sulistas é tido como um prato muito simples e sem sabor. A expressão atribui também aos nortistas as características de pessoa molenga e sem graça. Ao lado de Londres, Nova York e Paris, Milão é considerada umas das capitais mundiais da moda, tendo nela uma de suas maiores vitrines globais, ao que Don Gennaro declara:

141- Se a moda fosse uma coisa séria não mudaria todo ano. (DE CRESCENZO, 2005, p.23)

141 - Se la moda fosse una cosa seria non cambierebbe tutti gli anni.

A partir da perspectiva dos Napolitanos, que se consideram um povo caloroso e feliz, os nortistas são um povo apático, de movimentos lentos e que não sabem se divertir. Em um enunciado em que o Professor brinca sobre a capacidade de se divertir dos nortistas ele chega a dizer que em um cemitério de Nápoles há o dobro da diversão que há em uma cidadezinha do norte que ocupa, segundo um estudo, o primeiro lugar no ranking de qualidade de vida italiana. É interessante destacar que o narrador não assume o papel daquele que dá tal informação, ele diz que alguém disse a ele, alguém do qual ele não se recorda. Tal postura do narrador aproxima o conceito em questão da

opinião do povo napolitano e o aforismo, então, retrata a opinião do povo “*partenopeo*”.

127 - Eu li em um estudo sobre qualidade de vida que, na Itália, Sondrio ocupa o primeiro lugar e que Nápoles se encontra em penúltimo. Alguém porém, agora não me recordo quem, me disse que Sondrio tem de tamanho o dobro do cemitério de Nápolis, mas que se divertem só a metade. (DE CRESCENZO, 2005, p.21)

127 - Ho letto in una classifica sulla qualità della vita che in Italia Sondrio figura al primo posto e che Napoli si trova al penúltimo. Qualcuno però, adesso non ricordo chi, mi ha detto che Sondrio è grande il doppio del cimitero di Napoli ma che si diverte solo la metà.

Transcendendo ao não saber se divertir, aos nortistas acaba sendo dada a característica de, num geral, não saber viver. Para os napolitanos os milaneses, por exemplo, são um povo capturado demais pela modernidade, pela pressa e pelo consumo, a ponto de não dedicarem tempo às necessidades primordiais ao homem, necessidades como o descanso e a reflexão. Um dos pensamentos do Professor diz, corroborando o pensamento “*partenopeo*”, que os milaneses preferem o chuveiro à banheira. Neste ponto é importante lembrar que em seu dia de descanso o professor passa quase que o dia todo na banheira e que segundo ele este seria o melhor lugar para se meditar.

117 – O chuveiro é milanês, a banheira é napolitana. (DE CRESCENZO, 2005, p.27)

117 – La doccia è milanese, la vasca è napoletana.

O que leva os napolitanos a considerarem os nortistas um povo frio e que não sabe se divertir vem praticamente como um gesto de defesa perante o preconceito que sofrem devido à vitalidade de seus gestos e também do preconceito em relação à língua napolitana, tida, inclusive, como uma língua romântica. Aquele que era o dialeto napolitano foi declarado pela UNESCO como língua, mas isso não fez com que os preconceitos linguísticos referentes à língua dos “*partenopei*” desaparecessem, eles são tachados como pessoas que não sabem falar e, no entanto, a questão do dialeto é uma característica que abrange toda a Itália, sendo praticamente inumerável a variação de dialetos existente no país. Convém lembrar nesta ocasião o aforismo em que o narrador, neste momento consolidado ao autor, narra o episódio em que seu pai ocupava no exército italiano, durante a primeira guerra mundial, um papel de tradutor, não do alemão para o italiano, mas do dialeto de Vêneto para o dialeto da Sicília.

151. Um dia vi uma foto de meu pai como soldado da guerra '15-18. Havia sobre o braço a identificação de intérprete. Lhe perguntei então se ele sabia alemão e ele me respondeu que não sabia, mas trabalhava como intérprete entre o tenente que era veneto e o sargento que era siciliano. Depois chegou Mike Bongiorno para ensinar italiano a todos os italianos. (DE CRESCENZO, 2005, p.24)

151 - Un giorno vidi una foto di mio padre soldato della guerra '15-18. Aveva sul braccio la scritta interprete. Gli chiesi allora se sapeva il tedesco e lui mi rispose che non lo sapeva, ma che faceva l'interprete tra il tenente che era veneto e il sergente che era siciliano. Poi arrivò Mike Bongiorno a insegnare l'italiano a tutti gli italiani.

Embora o poder econômico dos napolitanos seja inferior ao dos nortistas, eles acreditam que riqueza é um conceito relativo, que implica muito mais em saber viver do que em abundância de dinheiro. A cidade de Nápoles tem uma grande influência da cultura grega, uma cultura mediterrânea visível até mesmo no biótipo dos napolitanos. Valendo-se desta presença grega muito forte nos napolitanos, Bellavista faz uma referência a uma pequena ilha grega para sugerir uma reflexão sobre a pobreza da qual os “*partenopei*” são acusados. Pensamento colocado, é claro, com a doce ironia que os napolitanos desenvolveram, em partes, em defesa ao preconceito que recebem.

83 – Não me recordo quem escreveu isso, mas os habitantes de Itaca eram tão pobres que só comiam ostras e lagostas. (DE CRESCENZO, 2005, p.17)

83 – Non mi ricordo più chi lo há scritto, ma gli abitanti di Itaca erano così poveri che mangiavano solo ostriche e aragoste.

No capítulo anterior alguns aforismos apresentados discorrem sobre a ineficiência do dinheiro quando se trata de felicidade. O aforismo 68 que questiona a finalidade do dinheiro, propondo que no final das contas ele só serviria para que uma pessoa pudesse ser internada em um hospital ao invés de uma clínica e poder comprar toda morfina de que precisasse, ou o aforismo 114, onde o Professor reflete que em uma viagem de trem os únicos lugares onde é possível iniciar uma conversa com um desconhecido e, assim, abrir as portas para uma nova amizade, seria em um vagão de terceira classe, junto das pessoas pobres. No aforismo 113 em que o eu lírico apresenta a possibilidade de que mesmo tendo dinheiro uma pessoa pode ser assolada pela falta de desejos.

A filosofia presente em *I pensieri di Bellavista*, a qual, por sua vez, representa o povo napolitano na perspectiva do professor Don Gennaro Bellavista, é então uma mescla do pensamento “*carpe diem*”, que traduz um povo preocupado em viver com intensidade e atenção um dia de cada vez, dos ensinamentos taoistas aliados à

filosofia de Epicuro, onde os napolitanos, a partir da atenção e intensidade presentes no conceito “*carpe diem*”, são apresentados como um povo que sabe ser feliz mesmo nas dificuldades, que valoriza o simples, a amizade, a reflexão, a liberdade e o amor e, por fim, da própria postura do napolitano perante a vida, postura construída através de uma história de contato com a terra, com o trabalho, com a beleza e com o preconceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Ezra Pound (1988, p. 62) a arte atua na sociedade de maneira não diferente da medicina e tal qual pode ser dividida em dois momentos: o do diagnóstico e o da cura. A arte que representa o diagnóstico é tida como “culto à feiura” ao passo que a arte considerada cura é tida como “culto à beleza”. O momento do diagnóstico, de fato, tende a ser desprovido de beleza, já que, inevitavelmente, apresentará um mal que deve ser extinto. No entanto, é de inegável genialidade quando o artista consegue, em poucas palavras, apontar o diagnóstico e a cura em um único ato. E nem por isso o diagnóstico, que foi imediatamente precedido da apresentação da cura, deixa de ser exasperante. Da mesma forma que a cura, tão rapidamente sugerida, não deixa de ser esplêndida e encantadora. Consideremos, é claro, que faz parte da natureza do aforismo explicitar ora a cura, ora o diagnóstico, no entanto, paradoxalmente, a parte não evidenciada não deixa de ser claramente identificada. Pensemos no terceiro aforismo desta obra:

Muitos estudam como alongar a vida, quando, ao contrário, seria necessário alargá-la. (DE CRESCENZO, 2005, p.9)

Molti studiano come allungare la vita quando invece bisognerebbe allargarla

Bem, não é novidade nenhuma que uma das maiores preocupações do ser humano é prolongar a vida, ou afastar ao máximo possível a morte e, na primeira metade do período, essa é a mensagem transmitida apenas. Até aí tudo bem, que mal há nisso? Ainda não é possível afirmar que a arte aqui está agindo como um diagnóstico das mazelas humanas. No entanto, logo após “a cura” ser apontada, num estalar de dedos tudo vêm à tona de uma única vez. A partir do momento em que é apresentada a possibilidade de alargar a vida ao invés de alongá-la, tal perspectiva assume imediatamente o papel de “cura”, assim como, também imediatamente, transforma a até então inofensiva viabilidade apresentada na primeira parte do excerto em diagnóstico. É oportuno citar aqui outro aforismo de De Crescenzo que soa uníssono com o atroo do aforismo anterior:

A longevidade verdadeira se dá de acordo com o número de dias diferentes que um indivíduo consegue viver, aqueles iguais não contam. (De Crescenzo, 1994, p.157)

La lunghezza effettiva della vita é data dal numero di giorni diversi che un individuo riesce a vivere. Quelli uguali non contano.

É arrebatador o efeito de reflexão gerado por um pensamento tão breve. Uma flecha emplumada que penetra no mais profundo conflito existencial do homem contemporâneo, desnudando-o de dentro para fora e no entanto todo processo se faz da maneira mais leve, mais delicada possível. Essa é a incumbência de *I pensieri di Bellavista*, diagnosticar os males inerentes à humanidade e propor uma cura com doses doces de leveza, amor e ironia.

Como anunciado no prefácio de *I pensieri di Bellavista*, "Existe uma filosofia que parte da Grécia e passa por Nápoles. Uma filosofia que tem dois princípios fundamentais: o amor e a ironia. [...]". (DE CRESCENZO, 2005, p.2) Esses dois princípios são os elementos que temperam a filosofia do Professor Bellavista, traduzem a partir de sua perspectiva o povo napolitano e selam de beleza e delicadeza os aforismos de Don Gennaro.

O aforismo, assim como os demais textos do mesmo gênero: ditos e ditados populares, provérbios e máximas, trazem em si a qualidade de apresentar uma possibilidade diferente da que está sendo adotada, convidar à reflexão e propor uma moral para uma situação. O livro de Drummond, *O Avesso das coisas* (1990), possui seus aforismos elencados em entradas como as de um dicionário, onde são propostos novos "significados" às palavras. Assim como na obra de Drummond, que se propõe diretamente a apresentar uma maneira diferente de pensar situações, uma maneira às avessas, os aforismos de De Crescenzo têm o potencial latente de apresentar novos pontos de vista, novas perspectivas, novas maneiras de sentir e se portar perante o mundo. Muitas vezes, de forma aparentemente ingênua, o leitor é levado a reflexões profundas, confrontando-se com novos caminhos, os quais propiciam uma caminhada mais leve, mais bonita e mais inteira. Atualmente vivenciamos a geração do culto ao ego e, conseqüentemente, acabamos por nos privar das relações interpessoais, o homem contemporâneo tem grande dificuldade de se ver como parte do corpo que forma a sociedade, a individualidade é demasiada cultuada e acaba por conduzir o homem a um charco de mazelas interiores. Um pensamento simples como

200 – Eu não sou você e você não é eu, porém todos os dois somos nós.

200. Io non sono te e tu non sei me. Però, tutti e due siamo noi.,

que singelamente brinca com as palavras e com os pronomes pessoais, consegue gerar no leitor, ainda que minimamente, variando de leitor para leitor, uma inquietação vinda

da reflexão sobre o fato de que não estamos e não somos sozinhos e, sim, constituímos vários “nós”, vários corpos com o nosso próximo.

Os aforismos de *I pensieri di Bellavista*, de acordo com comentários do próprio autor, são frutos das vivências, do conhecimento, da cultura e das experiências que ele acumulou durante a vida. Na introdução do livro o autor faz alguns comentários sob a maneira de como ler e a utilidade do livro, comentários que ele chama de “*istruzione per l’uso*”. Nesses comentários o escritor sugere que se leia um aforismo por dia, antes de dormir e em seguida se reflita sobre ele até que o sono venha. Esta sugestão do autor torna adequada a reflexão sobre a natureza do aforismo, um gênero textual que tem por finalidade amparar o ser humano nas reflexões e ponderações diárias, visando conduzir aquele que recebe a advertência ou ensinamento a um caminhar mais sábio. Como já comentado, a natureza do aforismo está estritamente ligada à oralidade e está presente nas manifestações gráficas mais remotas da humanidade. Como no caso do milenar gênero textual a respeito do qual discorre Foucault, tratando das escritas de si, os *hypomnemata*, os quais também desempenhavam papel de aliados na busca pela cura interior. Vejamos algumas considerações de Foucault sobre tal gênero textual.

Na sua acepção técnica, os *hypomnemata* podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de [135] agenda. O seu uso como livro de vida, guia de conduta, parece ter-se tornado coisa corrente entre um público cultivado. Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que se tinha sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior. Formavam também uma matéria prima para a redação de tratados mais sistemáticos, nos quais eram fornecidos argumentos e meios para lutar contra este ou aquele defeito (como a cólera, a inveja, a tagarelice, a bajulação), ou para ultrapassar esta ou aquela circunstância difícil (um luto, um exílio, a ruína, a desgraça). (FOUCAULT, 1992. Pg. 134)

Pensar sobre os *hypomnematas* é bastante propício ao racionarmos sobre a natureza do aforismo, gêneros textuais curtos, acessíveis, que há insondáveis gerações acompanham e auxiliam o Homem na reflexão e na comunicação. Textos que objetivam apontar diagnósticos e curas das imperfeições do espírito humano e que, conseqüentemente, podem fazer brotar sabores acres ao paladar daquele se vale de um gênero textual da esfera do aforismo. Sabor acre, esse, que transmuta-se em agri-doce na voz de Don Gennaro Bellavista.

A magnitude de Luciano De Crescenzo nesta obra está, então, além de ligada à profundidade das reflexões geradas, ancorada à leveza com que o narrador/eu lírico dialoga com o interlocutor em um gênero literário que não tem por natureza tal compromisso. Ao invés de simplesmente satirizar determinada postura, muitas vezes o narrador/eu lírico opta por inserir-se no objeto exortado e produzir uma advertência docemente irônica. Ao invés de apresentar-se insatisfeito e triste com a condição humana, Don Gennaro Bellavista escolhe caminhar pelas vias do humor, rindo das incoerências humanas. Ao invés de enfatizar o desvio do ser humano, solitário e infeliz, prioriza a evidência do amor.

Referências Bibliográficas

ACHCAR, Francisco. Lírica e lugar-comum: Alguns temas de horácio e sua presença em português. São Paulo: Edusp, 1994.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O avesso das coisas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1990.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CALVINO, Ítalo, 1923-1985 Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas de Ítalo Calvino. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: _____. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987, p. 51-69.

CARLOS, Ana Maria e ESTEVES, Antonio R. (Org.). Narrativas do eu: memórias através da escrita. Bauru: Canal16, 2009.

DE CRESCENZO, Luciano. *Così Parlò Bellavista*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., 1977.

DE CRESCENZO, Luciano. *I pensieri di Bellavista*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., 2005.

DE CRESCENZO, Luciano. *Panta rei*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., 1994.

DE CRESCENZO, Luciano. Vita di Luciano de Crescenzo scritta da lui medesimo. Milano: A Mondadori, 1989.

ECO, Umberto. Ensaio sobre a literatura. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro. Record, 2003.

FARRINGTON, Benjamim. A doutrina de Epicuro. Rio de Janeiro. Zahar Editres. 1968

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992

GERTH, Klaus. Satire. *Praxis Deutsch*, 1977. Tradução de Aluizia Hanisch e Alvaro S. Simões Jr.

HOBBS, Thomas. Do Cidadão. Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Martins fontes, 1992.

HODGART, Matthew. Las tecnicas de la satira. In: Idem. La satira [Satire]. Trad. De Angel Guillén. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969.

HUTCEON, Linda. Teoria e política da ironia. Trad. Júlio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

JOLLES, André. As formas simples. São Paulo: Cultrix, 1976.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. De Rousseau à Internet. Organização de Jovita Maria G. Noronha. Trad. Jovita Maria G. Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MINOIS, Georges. História do riso e do escárnio. Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo. Editora UNESP, 2003.

MORAES, João Quartim de. Epicuro: as luzes da ética. São Paulo. Editora Moderna. 1941.

POUND, Ezra. A arte da poesia: ensaios escolhidos. Tradução de Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1988.

PROPP, Vladímir. Comicidade e riso. Trad. Aurora Fornoni B. e Homero F. de Andrade. São Paulo. Editora Ática, 1992.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: Coleção Os Pensadores. Nova Cultural. São Paulo/SP. 1989.

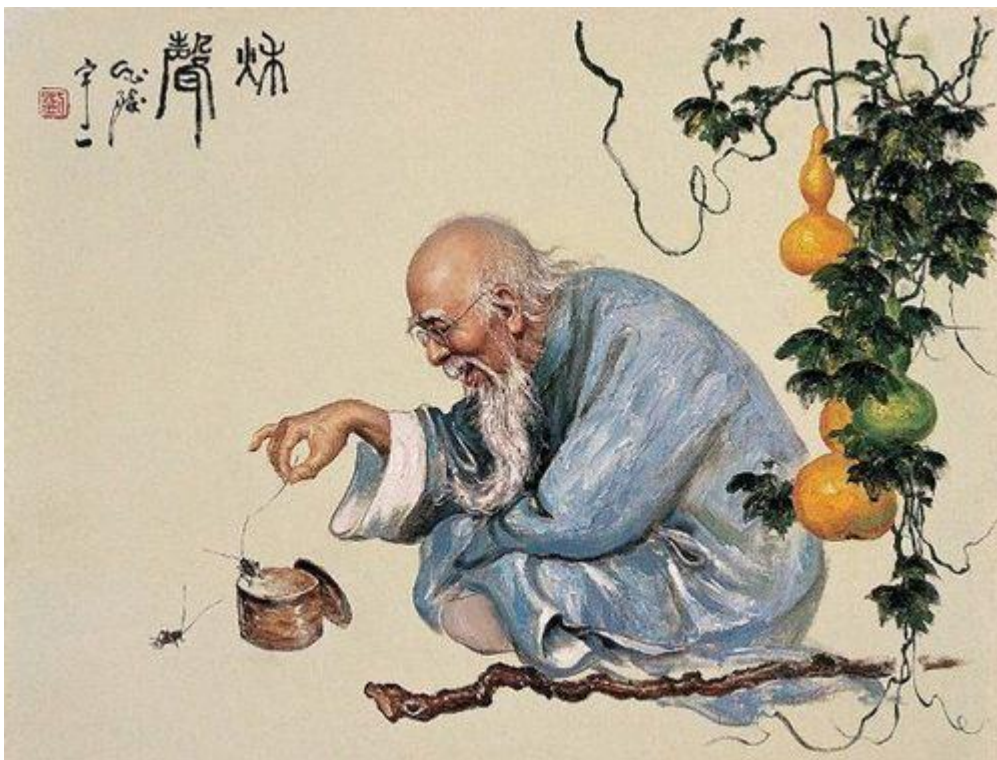
TAO – A Sabedoria do Silêncio Interno. [S.I.], 2015. Disponível em: <<https://portaldobudismo.org/2015/05/11/tao-a-sabedoria-do-silencio-interno/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

TSÉ, Lao. Tao Te Ching. Tradução de Huberto Roden. São Paulo, Martin Claret, 2010.

WELLEK, René.; WARREN, Austin. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. São Paulo: Martins fontes, 2003.

ANEXO

TAO – A Sabedoria do Silêncio Interno



Pense no que vai dizer antes de abrir a boca. Seja breve e preciso, já que cada vez que deixa sair uma palavra, deixa sair uma parte do seu Chi (energia). Assim, aprenderá a desenvolver a arte de falar sem perder energia.

Nunca faça promessas que não possa cumprir. Não se queixe, nem utilize palavras que projetem imagens negativas, porque se reproduzirá ao seu redor tudo o que tenha fabricado com as suas palavras carregadas de Chi.

Se não tem nada de bom, verdadeiro e útil a dizer, é melhor não dizer nada. Aprenda a ser como um espelho: observe e reflita a energia. O Universo é o melhor exemplo de um espelho que a natureza nos deu, porque aceita, sem condições, os nossos pensamentos, emoções, palavras e ações, e envia-nos o reflexo da nossa própria energia através das diferentes circunstâncias que se apresentam nas nossas vidas.

Se se identifica com o êxito, terá êxito. Se se identifica com o fracasso, terá fracasso. Assim, podemos observar que as circunstâncias que vivemos são simplesmente manifestações externas do conteúdo da nossa conversa interna. Aprenda a ser como o universo, escutando e refletindo a energia sem emoções densas e sem preconceitos.

Porque, sendo como um espelho, com o poder mental tranquilo e em silêncio,

sem lhe dar oportunidade de se impor com as suas opiniões pessoais, e evitando reações emocionais excessivas, tem oportunidade de uma comunicação sincera e fluída.

Não se dê demasiada importância, e seja humilde, pois quanto mais se mostra superior, inteligente e prepotente, mais se torna prisioneiro da sua própria imagem e vive num mundo de tensão e ilusões. Seja discreto, preserve a sua vida íntima. Desta forma libertar-se-á da opinião dos outros e terá uma vida tranquila e benevolente invisível, misteriosa, indefinível, insondável como o TAO.

Não entre em competição com os demais, a terra que nos nutre dá-nos o necessário. Ajude o próximo a perceber as suas próprias virtudes e qualidades, a brilhar. O espírito competitivo faz com que o ego cresça e, inevitavelmente, crie conflitos. Tenha confiança em si mesmo. Preserve a sua paz interior, evitando entrar na provação e nas trapaças dos outros. Não se comprometa facilmente, agindo de maneira precipitada, sem ter consciência profunda da situação.

Tenha um momento de silêncio interno para considerar tudo que se apresenta e só então tome uma decisão. Assim desenvolverá a confiança em si mesmo e a Sabedoria. Se realmente há algo que não sabe, ou para que não tenha resposta, aceite o fato. Não saber é muito incômodo para o ego, porque ele gosta de saber tudo, ter sempre razão e dar a sua opinião muito pessoal. Mas, na realidade, o ego nada sabe, simplesmente faz acreditar que sabe.

Evite julgar ou criticar. O TAO é imparcial nos seus juízos: não critica ninguém, tem uma compaixão infinita e não conhece a dualidade. Cada vez que julga alguém, a única coisa que faz é expressar a sua opinião pessoal, e isso é uma perda de energia, é puro ruído. Julgar é uma maneira de esconder as nossas próprias fraquezas.

O Sábio tolera tudo sem dizer uma palavra. Tudo o que o incomoda nos outros é uma projeção do que não venceu em si mesmo. Deixe que cada um resolva os seus problemas e concentre a sua energia na sua própria vida. Ocupe-se de si mesmo, não se defenda. Quando tenta defender-se, está a dar demasiada importância às palavras dos outros, a dar mais força à agressão deles.

Se aceita não se defender, mostra que as opiniões dos demais não o afetam, que são simplesmente opiniões, e que não necessita de os convencer para ser feliz. O seu silêncio interno torna-o impassível. Faça uso regular do silêncio para educar o seu ego, que tem o mau costume de falar o tempo todo.

Pratique a arte de não falar. Tome algumas horas para se abster de falar. Este é um exercício excelente para conhecer e aprender o universo do TAO ilimitado, em vez

de tentar explicar o que é o TAO. Progressivamente desenvolverá a arte de falar sem falar, e a sua verdadeira natureza interna substituirá a sua personalidade artificial, deixando aparecer a luz do seu coração e o poder da sabedoria do silêncio.

Graças a essa força, atrairá para si tudo o que necessita para a sua própria realização e completa libertação. Porém, tem que ter cuidado para que o ego não se infiltre... O Poder permanece quando o ego se mantém tranquilo e em silêncio. Se o ego se impõe e abusa desse Poder, este converter-se-á num veneno, que o envenenará rapidamente.

Fique em silêncio, cultive o seu próprio poder interno. Respeite a vida de tudo o que existe no mundo. Não force, manipule ou controle o próximo. Converta-se no seu próprio Mestre e deixe os demais serem o que têm a capacidade de ser. Por outras palavras, viva seguindo a via sagrada do TAO.

(Texto Taoísta)²⁵

²⁵ Este texto representa um resumo do pensamento presente no *TAO TE CHING* e em todos os registros, nas mais variadas línguas em que ele se encontra, não lhe é atribuída autoria. No Brasil as fontes sempre remetem ao portal do budismo. <https://portaldobudismo.org/2015/05/11/tao-a-sabedoria-do-silencio-interno/>